

O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: modelo adotado em 1995

ALCEU GONÇALVES DE PINHO FILHO¹

I - INTRODUÇÃO

Num país, como o Brasil, em que só recentemente vem sendo alcançada a universalização do acesso à Escola do 1º grau, a Escola do 2º grau tem um papel muito mais amplo que o de servir de mero instrumento preparatório para concursos vestibulares às Instituições de Ensino Superior (IES). Desta forma, é um desserviço à Escola do 2º grau que o processo de seleção para as IES seja utilizado para fixar diretrizes ou mesmo simples parâmetros para o ensino secundário. No Estado de São Paulo, não muito mais que 100.000 novos egressos do 2º grau se inscrevem, a cada ano, nos concursos vestibulares para suas três Universidades Estaduais, uma pequena fração do número total dos concluintes. A esses novos candidatos somam-se quase outros tantos concluintes de anos anteriores que estão tentando, (ou, eventualmente, trocar de curso). Ora, tais vagas são em número muito reduzido: 6.892 na USP, 4.286 na UNESP e 1.990 na UNICAMP (números de 1994). São, ao todo, 13.168 vagas disputadas por cerca de 180.000 indivíduos diferentes (a soma do número nos três concursos é muito superior à cifra acima, pois há muitos que se inscrevem em dois ou, mesmo, nos três). São cerca de 14 candidatos disputando uma vaga nas Universidades Estaduais.

A exigüidade de número de vagas disponíveis nas Universidades Estaduais exacerba a ansiedade que cerca os concursos de ingresso para as Universidades

¹ Professor do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

Estaduais. A situação fica ainda mais dramática porque a relação de 14 candidatos por vaga é apenas uma média, a seleção é feita por carreira e, em algumas delas, essa relação alcança valores espantosos, da ordem de 100 candidatos por vaga. O clima de quase histeria coletiva que se cria nessa ocasião, afetando especialmente a classe média, eleva o vestibular às dimensões de um rito de passagem e hipertrofia seu impacto no ensino do 2º grau. Tal fato é lastimável pois, como mencionamos, ele interessa a menos da metade dos concluintes do 2º grau, a cada ano. Considero ser a maior responsabilidade dos encarregados da organização dos concursos de admissão atentar para o risco que representa o ensino do 2º grau se amoldar às necessidades específicas e episódicas dos vestibulares. Esse risco é tanto maior por ser inegável que tal influência existe e é inevitável, ele pode, no entanto, ser minimizado.

No caso da FUVEST, sua missão precípua é organizar o exame de seleção para o ingresso anual na Universidade de São Paulo ao qual se associam quatro outras IES, a Escola Paulista de Medicina, a Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, a Universidade Federal de São Carlos e a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. No conjunto, essas quatro Instituições Associadas são responsáveis por outras 1499 vagas. São cinco Instituições com seus objetivos próprios e compromissos explícitos com a sociedade, do que resulta a necessidade de um padrão de exigência que reflita o perfil desejado para seus futuros alunos. Cabe à FUVEST garimpar, entre os que acorrem a seu Concurso Vestibular, aqueles que melhor se adequam a tal perfil. Dados o inegável prestígio das IES atendidas e o fato de estarem em jogo 8.401 vagas, é impossível evitar que o Concurso anual da FUVEST repercuta ruidosamente no ensino do 2º grau. Portanto, aquilo que se faz na FUVEST deve ser feito com a maior cautela. Forçoso é sinalizar, de forma muito explícita, o nível de excelência que é indispensável preservar, e mesmo elevar, nos cursos universitários e a ênfase na *interdisciplinaridade e, conseqüentemente, na formação geral para melhor atender às necessidades de uma sociedade que se moderniza, num mundo cada vez mais complexo e interdependente.* Porém, isto deve ser feito sem interferências indevidas na estrutura do ensino secundário a qual deve ser determinada por aqueles que têm competência específica para fazê-lo, através dos órgãos apropriados para tal fim.

Por outro lado, a FUVEST, examinando anualmente mais de uma centena de milhar de jovens recém saídos da Escola do 2º grau, dispõe de uma considerável massa de informações que pode ser extremamente útil para um diagnóstico sobre a situação do ensino secundário. Em 1994, com a possibilidade de identificar claramente os "treineiros", tornou-se também possível ter uma visão clara de como anda o ensino ao final da 2ª série, antes portanto do início do treinamento específico para os concursos vestibulares. Essa amostragem abrangeu 15.747 jovens examinados na prova da primeira fase e 5.447 nas provas da segunda fase. Foi uma experiência muito ilustrativa e rica de ensinamentos e pretende-se-repeti-la regularmente.

A divulgação da análise de alguns resultados do Concurso Vestibular de 1994 pode ser extremamente útil para orientar aqueles que estão cursando as últimas séries do primeiro grau ou iniciando o 2º grau nas decisões que deverão tomar caso se interessem em disputar uma das vagas oferecidas através dos exames de seleção da FUVEST. Trata-se da escolha de carreiras e cursos e, principalmente, de como se preparar convenientemente para ter sucesso nesses exames.

II – O NOVO FORMATO DO CONCURSO VESTIBULAR DA FUVEST

O Conselho de Graduação da Universidade de São Paulo, acolhendo proposta oriunda da FUVEST, determinou um novo formato para os próximos concursos vestibulares da FUVEST. Continua em vigor o exame em duas fases, a primeira constituída por um teste de múltipla escolha e a segunda constituída por uma Redação e provas analítico-expositivas. As modificações foram, no entanto, significativas:

- A primeira fase passa de 72 para 160 questões. Este aumento expressivo no número de questões permitirá não apenas uma cobertura muito mais abrangente de todo o programa do 2º grau como, também, uma melhor gradação no nível de dificuldade das questões, o que deve permitir uma avaliação bem mais justa dos candidatos, permitindo uma seleção mais acurada daqueles que terão acesso à segunda fase. Concluiu-se que a fidedignidade do teste não pode ser plenamente assegurada com um número de questões por matéria menor que 15 a 20.

- A primeira fase incluirá, além das questões sobre as matérias tradicionalmente cobradas pela FUVEST nesta fase, 14 questões sobre Língua Inglesa. A inclusão do Inglês como prova obrigatória para todos os candidatos vem do fato que esta língua vem se tornando uma espécie de "latim vulgar" do final do século XX. Em nenhum ramo de atividade, um profissional de nível superior, já hoje em dia, é capaz de se informar ou se comunicar adequadamente sem conhecimentos mínimos da língua inglesa. O número de questões foi colocado num patamar inferior ao exigido para as demais matérias por se reconhecer que, no estágio atual do ensino de inglês na rede pública, seria exagerado dar maior peso a essa parte da prova. Com tal redução no número de questões de Inglês, caberão às demais matérias 20 questões sobre cada uma delas e 26 sobre Língua Portuguesa. O número maior de questões nesta última é explicado adiante.

- O exame da primeira fase será realizado em duas etapas, cada uma delas com 4 horas de duração, tendo lugar em dois domingos. No primeiro, serão apresentadas as questões de Português, Inglês, Física e Biologia e, no segundo, as de Geografia, História, Química e Matemática.

● Os pontos obtidos na primeira fase (160, no máximo) pelos candidatos convocados para a segunda fase serão utilizados para, somados aos pontos obtidos nesta última, estabelecer a classificação dos candidatos.

● A prova de Língua Portuguesa da segunda fase, compreendendo a elaboração de uma Dissertação sobre tema proposto e 10 (dez) questões de gramática e literatura é obrigatória para todos os candidatos convocados. Ela valerá 40 pontos, a metade correspondendo à Redação. Em algumas carreiras, esta prova poderá valer 80 pontos.

● Em cada carreira haverá, além de prova de Língua Portuguesa, até mais três provas, cada uma valendo 40 pontos e composta por 10 questões versando sobre as seguintes matérias: Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia e História. Cada prova terá 3 horas de duração e os candidatos realizarão apenas uma prova por dia.

● No lugar de uma ou duas das provas mencionadas no item anterior, algumas carreiras poderão exigir uma prova de Habilidades Específicas que valerá portanto 40 ou 80 pontos, respectivamente. Estas provas são ditas de Habilidades Específicas pois elas não versam sobre matéria que constitua parte integrante do currículo obrigatório do 2º grau. É o caso de Música, Desenho, Artes Plásticas, Artes Cênicas etc.

● O número máximo de pontos que pode ser alcançado no conjunto das provas da segunda fase é igual a 160. Os pontos obtidos na segunda fase serão somados àqueles obtidos na primeira fase para determinar a classificação final, por carreira. Nenhuma das provas terá caráter eliminatório.

● O número máximo de pontos, em toda a prova, atingirá, no máximo, 200, 240, 280 ou 320, dependendo da carreira. Serão, no total, ao lado da Redação, 170, 180, 190 ou 200 questões, um número suficientemente elevado para garantir uma ampla cobertura dos programas, melhores condições de avaliação do desempenho e afiançar a confiabilidade do exame. A duração total do exame será de 3, 4, 5 ou 6 dias, segundo as carreiras, quando até 1994 foi de 5 dias para todas as carreiras. Assim, na média, a duração total não foi alongada.

● Em todas as carreiras, exceto eventualmente numa ou noutra em que se exige uma prova de habilidade específica, o conjunto de provas de Língua Portuguesa é o que terá maior peso relativo (de 20, 65 a 33,13%). Qualquer que seja a atividade futura do candidato, ele deve demonstrar claramente saber interpretar o

que lê e saber se expressar de forma correta, inteligível e apropriada. Para tanto, é fundamental identificar as diversas modalidades em que a língua pode se apresentar, saber empregar os recursos lingüísticos usados na organização de um texto e dominar as regras gramaticais da língua culta, o sistema ortográfico e os recursos de pontuação. Para tal, um bom convívio com obras literárias escritas em língua portuguesa é imprescindível.

O espírito do teste de Conhecimentos Gerais é o de uma prova do 2º grau considerando que, exceto no que diz respeito à Língua Portuguesa, cada candidato só fará uso intensivo, em seus estudos universitários, de uma parte limitada do programa do 2º grau. Contudo, como universitário e, posteriormente, como profissional atuando em qualquer área, deve ter necessariamente uma formação cultural que o habilite a entender, de forma abrangente, o mundo em que vive, em todos os seus aspectos. Devem ser enfatizados nas questões aspectos como o raciocínio, a compreensão, a capacidade de estabelecer relações e analisar situações, a manipulação dos princípios básicos e conceitos fundamentais em cada área do conhecimento. Deve ser priorizada a capacidade de entendimento em relação à memorização pura e simples. Não devem ser enfatizados o detalhe, o caso particular e a exceção. O objetivo do ensino médio não é formar especialistas mas sim dar aos jovens uma visão abrangente e compreensiva do mundo, habilitando-os a enfrentar de forma racional e crítica as aceleradas mudanças e os desafios da vida moderna. Um dos papéis da prova da CG é selecionar para as provas da 2ª fase aqueles que demonstraram possuir, no momento do exame, um perfil adequado ao prosseguimento e aprofundamento de seus estudos universitários: uma boa formação generalista, uma postura intelectual inquisitiva e crítica, um espírito curioso e indagativo, um raciocínio ágil e a capacidade de apreender rapidamente situações novas. Quanto às provas analítico-expositivas da 2ª fase, seus objetivos são duplos. O primeiro é examinar, com maior profundidade, o conhecimento do candidato naquelas matérias consideradas essenciais para o prosseguimento de seus estudos no curso superior por ele escolhido. Nessas condições, as provas serão elaboradas dentro do padrão de exigência que vem caracterizando a segunda metade das provas hoje conhecidas como provas de nível 2. O segundo objetivo é avaliar, através das questões dissertativas, a capacidade do candidato se expressar de maneira lógica e argumentativa, sabendo expor, com clareza, seu raciocínio, ao lado do conteúdo específico exigido em cada resposta. Exatamente por tais motivos, o exame da segunda fase foi simplificado. Em numerosíssimas carreiras eram chamados milhares de candidatos para dissertar sobre matérias cujo conteúdo específico eles conheciam muito mal. Essas dissertações, é fácil imaginar, ou ficavam em branco ou eram exercícios sobre o nada.

Nos Quadros I, II e III são apresentados os pesos relativos das diversas matérias na composição da nota final, em cada carreira.

**QUADRO I – PESOS RELATIVOS DAS MATÉRIAS (EM %):
ÁREA DE HUMANIDADES**

CARREIRA	MAT	FIS	QUI	BIO	HIS	GEO	POR	ING	HE
Artes Cênicas (B e L), Artes Plásticas, Música, Cinema e Vídeo	6,25	6,25	6,25	6,25	18,75	6,25	20,63	4,38	25,0
Produção Editorial, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio e Televisão, Relações Públicas, Biblioteconomia, Turismo	8,33	8,33	8,33	8,33	25,00	8,33	27,50	5,83	-
Arquitetura	6,25	18,75	6,25	6,25	18,75	6,25	20,63	4,38	12,50
Arquitetura (São Carlos)	7,14	7,14	7,14	7,14	21,43	7,14	23,57	5,00	14,29
Administração, Economia, Ciências Contábeis	18,75	6,25	6,25	6,25	18,75	18,75	20,63	4,38	-
Direito	6,25	6,25	6,25	6,25	18,75	6,25	33,13	4,38	-
Ciências Sociais, Filosofia, História e Geografia	7,14	7,14	7,14	7,14	21,43	21,43	23,57	5,00	-
Pedagogia	7,14	7,14	7,14	7,14	21,43	7,14	37,86	5,00	-
Letras	6,25	6,25	6,25	6,25	18,75	6,25	33,13	4,38	-

**QUADRO II – PESOS RELATIVOS DAS MATÉRIAS (EM %):
ÁREA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

CARREIRA	MAT	FIS	QUI	BIO	HIS	GEO	POR	ING	HE
Medicina e Ciências Médicas, Odontologia, Medicina Veterinária, Nutrição, Farmácia e Bioquímica, Fisioterapia, Fonoaudiologia (Bauru)	6,25	18,75	8,75	18,75	6,25	6,25	20,63	4,38	-
Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal, Zootecnia	18,75	6,25	18,75	18,75	6,25	6,25	20,63	4,38	-
Fonoaudiologia	6,25	18,75	6,25	18,75	6,25	6,25	13,13	4,38	-
Psicologia	18,75	6,25	6,25	18,75	18,75	6,25	20,63	4,38	-
Psicologia (Ribeirão Preto), Terapia Ocupacional	7,14	7,14	7,14	21,43	21,43	7,14	23,57	5,00	-
Enfermagem (Ribeirão Preto), Farmácia-Bioquímica (Ribeirão Preto), Ciências Biológicas	7,14	7,14	21,43	21,43	7,14	7,14	23,57	5,00	-
Esporte	7,14	7,14	7,14	7,14	7,14	7,14	23,57	5,00	28,57
Enfermagem	8,33	8,33	8,33	25,00	8,33	8,33	27,50	5,83	-
Educação Física	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	33,00	7,00	-

**QUADRO III – PESOS RELATIVOS DAS MATÉRIAS (EM %):
ÁREA DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA**

CARREIRA	MAT	FIS	QUI	BIO	HIS	GEO	POR	ING	HE
Engenharia, Ciências Exatas, Física (São Carlos), Química	18,75	18,75	18,75	6,25	6,25	6,25	20,63	4,38	-
Física e Meteorologia, Licenciatura Fis./Mat., Matemática (São Carlos), Computação (São Carlos), Engenharia (São Carlos)	21,43	21,43	7,14	7,14	7,14	7,14	23,57	5,00	-
Ciências da Terra	25,0	8,33	8,33	8,33	8,33	8,33	27,5	5,83	-
Química	8,33	8,33	25,0	8,33	8,33	8,33	27,5	5,83	-

III – A PASSAGEM PARA A SEGUNDA FASE

A necessidade da convocação para a segunda fase a ser feita por carreira decorre da preocupação da direção da Universidade de São Paulo em garantir o preenchimento integral de suas vagas. Já comentamos que, no seu conjunto, essas vagas são em número relativamente reduzido. Ocorre, porém, que não há uma correspondência entre a oferta de vagas por carreira (distribuição que é essencialmente a mesma desde a criação da FUVEST) e a demanda por parte dos candidatos. Isto leva a uma relação candidato/vaga por carreira que varia entre limites muito amplos. A situação se agrava quando é examinada a nível de curso. O critério que vigorou na FUVEST durante muitos anos, e ainda é adotado em todos os concursos vestibulares com duas fases, é convocar para a segunda fase um mesmo múltiplo do número de vagas por carreira. Este múltiplo pode ser 2, 3 ou 4; qualquer que seja ele trata-se de um procedimento simplista e injustificável. Já em 1994, foi adotado pela FUVEST um critério de convocação que consistiu em chamar para a segunda fase, em cada carreira, um número de candidatos igual à raiz quadrada do produto do número de vagas pelo número de candidatos inscritos. Este critério leva em conta tanto a oferta (V), como a demanda (C). Em 1994 foram convocados para a segunda fase 31.445 candidatos dentre os 118.963 presentes na primeira fase (estamos excluindo dessas considerações os "treineiros", pois eles não são candidatos). Estivesse em vigor o critério de 4 candidatos por vaga, teriam sido convocados 34.281. Assim, no primeiro caso foram 26,4% dos inscritos e no segundo caso seriam 28,8%. Estes não são, contudo, de uma maneira absoluta, os melhores candidatos. Tivessem sido convocados os 27,7% melhores candidatos (sem nos preocuparmos com a carreira) a nota de corte teria sido 36 (metade das questões respondidas corretamente). Ora, foram convocados para a segunda fase até mesmo candidatos com menos de 24 acertos (um terço do total de questões). Com o critério 4V deixariam de ter sido convocados para a segunda fase 16.568 candidatos com mais de 36 acertos. Com o critério \sqrt{CV} este número baixou para 9.838. As Figuras 1 a 9 e o Quadro IV ilustram os comentários acima.

QUADRO IV

Situação da oferta (V) e da demanda (I) em cada carreira, no Vestibular FUVEST 94. Também é mostrado o número de convocados (C) e a nota de corte. Não fossem os empates, as razões I/C e C/V seriam iguais. Especialmente nas carreiras em que V é muito pequeno, a ocorrência de empates pode fazer com que C/V fique muito maior que I/C.

CARREIRA	VAGAS	INSCRITOS	NOTA DE CORTE	CONVOCADOS PARA A 2ª FASE	I/C	C/V
Medicina e Ciências Médicas	485	14235	49	2632	5,41	5,43
Engenharia e Ciências Exatas	844	12058	43	3202	3,77	3,79
Engenharia – São Carlos	120	1620	42	453	3,58	3,78
Jornalismo	45	2497	41	338	7,39	7,51
Cinema e Vídeo	15	301	40	72	4,18	4,80
Publicidade e Propaganda	40	3341	40	367	9,10	9,18
Direito	450	15884	40	2696	5,89	5,99
Arquitetura – FAU	150	3064	39	715	4,29	4,77
Medicina Veterinária	80	2619	39	478	5,48	5,98
Odontologia	133	4514	39	773	5,84	5,81
Odontologia – Rib. Preto	80	2065	39	436	4,74	5,45
Odontologia – Bauru	50	839	39	208	4,03	4,16
Administração	400	8878	38	2017	4,40	5,04
Engenharia – UFSCAR	230	1962	38	677	2,90	2,94
Computação – São Carlos	100	2183	38	467	4,67	4,67
Economia	180	2037	37	642	3,17	3,57
Farmácia Bioquímica	135	2653	37	614	4,32	4,55
Farmácia Bioquímica – Rib. Preto	50	1022	37	241	4,24	4,82
Produção Editorial	15	378	36	80	4,73	5,33
Rádio e Televisão	20	494	36	101	4,89	5,05
Administração – R. Preto	40	811	36	191	4,25	4,78
Arquitetura – São Carlos	30	554	36	133	4,17	4,43
Ciências Biológicas – Paulista	23	366	36	99	3,70	4,30
Fisioterapia	65	2165	36	377	5,74	5,80
Engenharia Civil – São Carlos	60	495	36	181	2,73	3,02
Turismo	20	948	35	141	6,72	7,05
Ciências Biológicas	180	1773	34	585	3,03	3,25
Ciências Biológicas – Rib. Preto	40	465	34	141	3,30	3,53
Psicologia – USP – Capital	70	1749	34	356	4,91	5,09
Química	60	398	34	163	2,44	2,72
Artes Cênicas – Bacharelado	15	365	33	93	3,92	6,20
Artes Plásticas	20	476	33	101	4,71	5,05
Relações Públicas	20	590	33	123	4,80	6,15
Economia – R. Preto	40	396	33	137	2,89	3,43

CARREIRA	VAGAS	INSCRITOS	NOTA DE CORTE	CONVOCADOS PARA A 2ª FASE	I/C	C/V
Zootecnia	30	367	32	113	3,25	3,77
Nutrição	40	1167	32	250	4,67	6,25
Física/Meteorologia	270	984	32	540	1,82	2,00
Ciências Contábeis	140	2087	31	588	3,55	4,20
Psicologia	80	1622	31	403	4,02	5,04
Fonoaudiologia	58	742	30	232	3,20	4,00
Oftalmologia	13	129	30	45	2,87	3,46
Engenharia Agrônômica	240	1520	30	634	2,40	2,64
Engenharia Civil - UFSCAR	50	242	30	119	2,03	2,38
Ciências Sociais	200	1140	29	484	2,36	2,42
Fonoaudiologia - Bauru	25	361	29	111	3,25	4,44
Educação Física	50	1344	29	274	4,91	5,48
Ciências da Terra	70	381	29	167	2,28	2,39
Filosofia	160	912	28	410	2,22	2,56
História	250	1494	28	656	2,28	2,52
Ciências Contábeis - R. Preto	40	435	28	144	3,02	3,60
Terapia Ocupacional	55	687	28	221	3,11	4,02
Esporte	50	541	28	177	3,06	3,54
Química - Rib. Preto	50	173	28	101	1,71	2,02
Química - São Carlos	90	422	28	199	2,12	2,21
Artes Cênicas - Licenciatura	10	101	27	39	2,59	3,90
Engenharia Florestal	40	202	27	92	2,20	2,30
Biblioteconomia	30	290	26	108	2,69	3,60
Geografia	160	871	26	419	2,08	2,62
Letras	875	4961	26	2230	2,22	2,55
Pedagogia	120	1913	26	519	3,69	4,33
Enfermagem - Rib. Preto	80	633	26	251	2,52	3,14
Licenciatura em Matemática/Física	250	1330	26	622	2,14	2,49
Ciências Sociais - UFSCAR	40	168	25	91	1,85	2,28
Enfermagem	190	1689	25	617	2,74	3,25
Ciências Exatas - São Carlos	40	154	25	79	1,95	1,98
Educação Física - UFSCAR	40	333	24	120	2,78	3,00
Matemática/Estatística - São Carlos	130	328	22	205	1,60	1,58
Pedagogia - UFSCAR	50	167	21	93	1,80	1,86
Biblioteconomia - UFSCAR	40	63	13	61	1,03	1,53

Para 1995, foi introduzida uma pequena modificação no critério de convocação para a 2ª fase que reforça a tendência já conseguida com a mudança de 1994: abaixar a nota de corte naquelas carreiras onde ela é mais elevada e

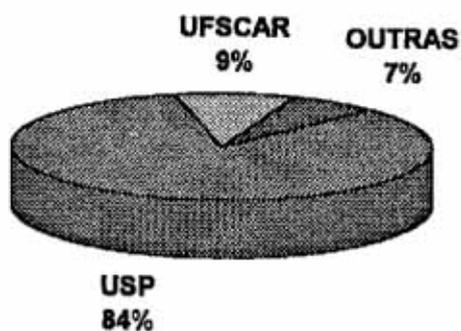
VAGAS NO FUVEST

Distribuição de vagas por Instituição participante.

INSTITUIÇÃO	VAGAS	
	1993	1994
USP	6867	6892
UFSCAR	750	940
EPM	259	259
FGV	200	200
SANTA CASA	100	100
TOTAL	8176	8401

Distribuição das vagas por Instituição participante.

VAGAS - 93



VAGAS - 94

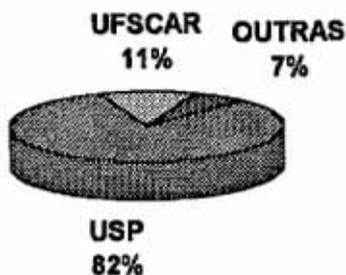
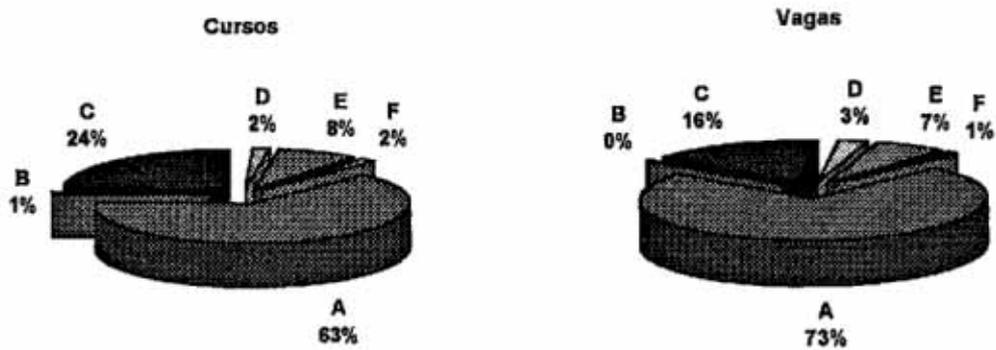


Figura 1

VAGAS POR CIDADE

CIDADE	CURSOS	VAGAS
Capital	77	6.146
São Carlos	29	1.350
Ribeirão Preto	10	560
Piracicaba	2	240
Bauru	2	75
Pirassununga	1	30

Distribuição das vagas por cidade.



LEGENDA
A = Capital
B = Pirassununga
C = São Carlos
D = Piracicaba
E = Ribeirão Preto
F = Bauru

Figura 2

VAGAS NO FUVEST

INSTITUIÇÃO	VAGAS	
	1993	1994
Humanidades	3590	3655
Biológicas	2262	2382
Exatas	2324	2364
TOTAL	8176	8401

Distribuição das vagas por área

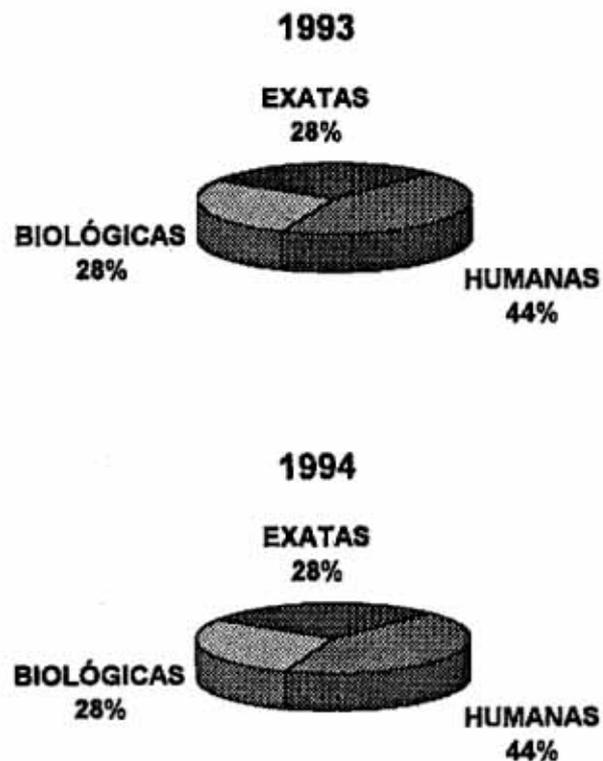
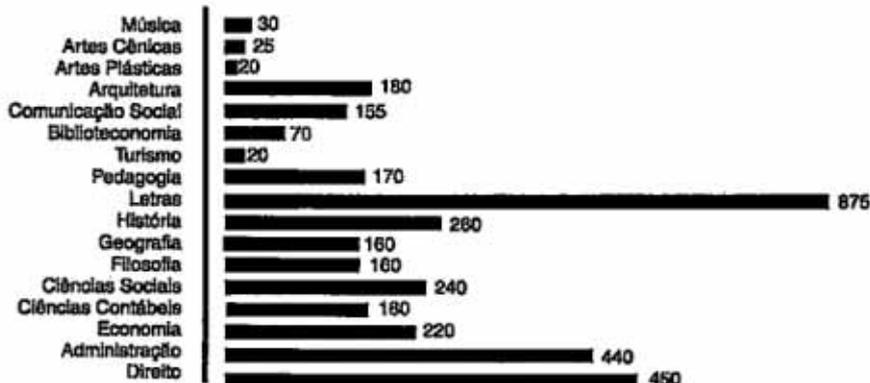


Figura 3

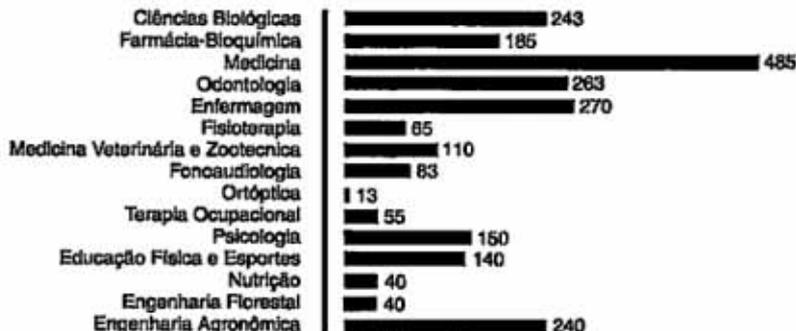
QUADRO GERAL DAS VAGAS DO FUVEST 94

TOTAL DE VAGAS: 8.401

• Humanidades - 3.655 Vagas



• Ciências Biológicas - 2.382 Vagas



• Ciências Exatas - 2.364 Vagas

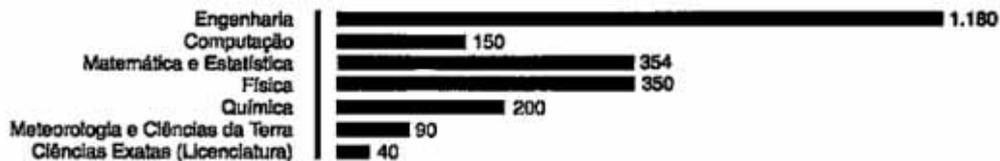


Figura 4
Distribuição das vagas por carreiras.



Figura 5
Distribuição das vagas por carreiras na Área de Humanidades.

Área de Biológicas

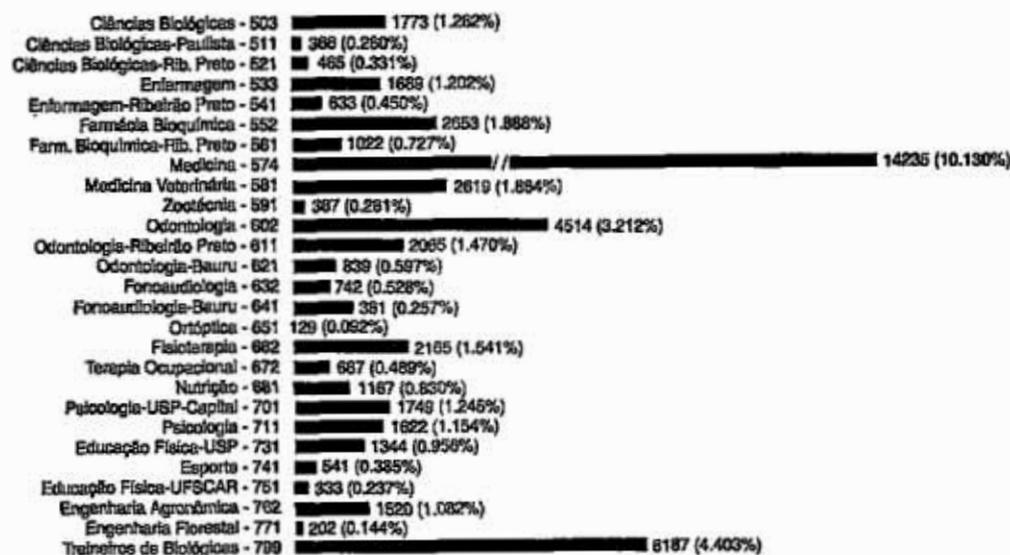


Figura 6

Distribuição das vagas por carreiras na Área de Ciências Biológicas.

Área de Exatas

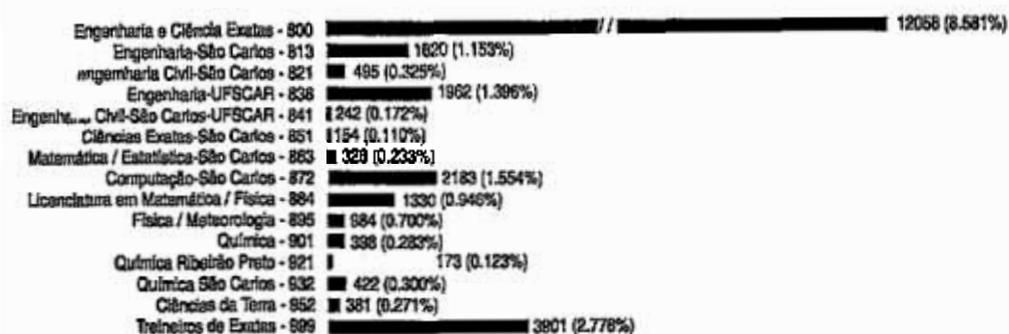
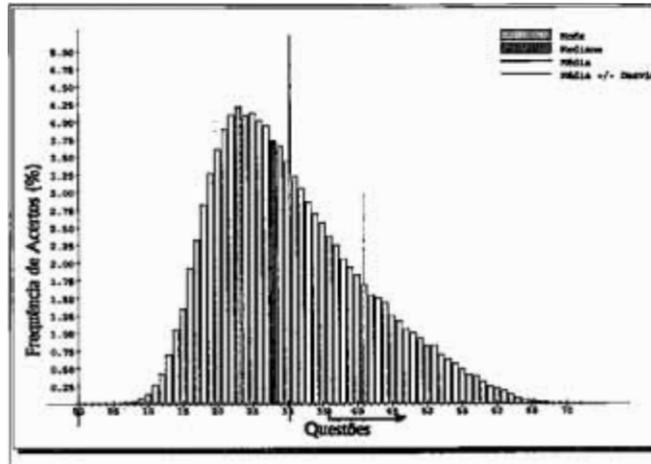


Figura 7

Distribuição das vagas por carreiras na Área de Ciências Exatas e Tecnologia.

Figura 8

Freqüência de acertos para o conjunto de candidatos que realizaram o teste da 1ª fase, 33.337 (28% do total) conseguiram acertar 36 ou mais das 72 questões propostas (à direita da seta).



Freqüência de acertos para o grupo de candidatos convocados para a 2ª fase. Foram convocados 31.445 (26,4% do total) candidatos que realizaram o teste da 2ª fase. Há 7.676 convocados com um número de acertos inferior a 36 (à esquerda da seta).

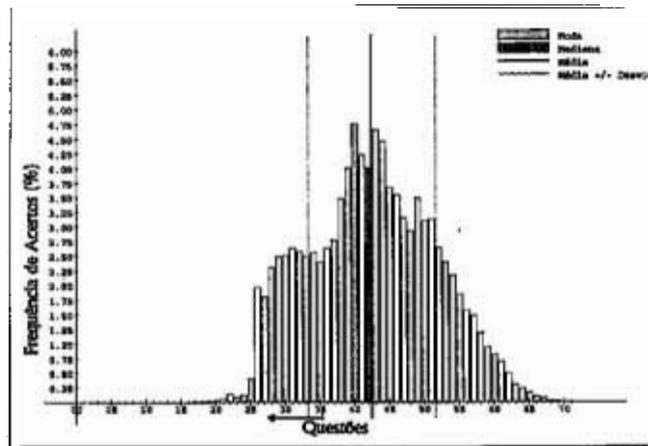


Figura 9

aumentá-la naquelas outras onde ainda está muito baixa. Em resumo, além de considerar a oferta e a demanda, leva-se em conta, agora também, a qualificação da demanda, através de um fator multiplicativo que depende da razão entre a nota de corte na carreira e o número total de questões propostas. Esta razão é um indicativo do desempenho médio do grupo que, em cada carreira, será convocado para a 2ª fase.

Uma simulação, usando os dados relativos a 1994, indica que, com o novo critério, teriam sido convocados 30.530 candidatos ou 25,7%. Ainda deixariam de ser convocados cerca de 7.600 candidatos com mais de 36 pontos. É óbvio que essa tendência não pode ser levada além de certo limite, em virtude da limitação introduzida pela necessidade de preencher todas as vagas. O excesso de vagas (e/ou baixa procura) em certas carreiras é um fato que influi decisivamente no rebaixamento do nível médio dos candidatos que alcançam a segunda fase. Isto mostra claramente que, além de um certo ponto, mudanças de formato no vestibular tornam-se irrelevantes pois não conseguirão alterar significante o perfil médio do candidato que será convocado para a segunda fase.

Normalizando a 10 a nota máxima possível em cada um dos conjuntos de questões referentes a uma das sete matérias que são examinadas no teste da primeira fase, registraram-se, em 1994, entre os convocados para a segunda fase, as notas médias mostradas no Quadro V.

QUADRO V

Médias, normalizadas à nota máxima 10, nos sete conjuntos de questões que compõem o teste de 72 questões. Eles se referem à totalidade dos candidatos que realizaram a prova e foram convocados para a 2ª fase.

	P	B	M	F	Q	H	G	TODAS
Geral	7,4	6,0	5,8	4,6	5,7	4,6	6,8	5,9
Área de Humanas	7,5	5,4	5,2	4,1	5,0	4,7	6,8	5,6
Área de C. Biológicas	7,4	6,6	5,8	4,7	6,1	4,4	6,6	6,0
Área de C. Exatas	7,2	5,8	6,8	5,5	6,4	4,6	6,9	6,2

No Quadro VI são apresentadas as médias para os convocados em algumas carreiras.

No vestibular FUVEST 94 os conjuntos de questões de Português, Física e História foram relativamente pouco discriminativos. O primeiro por ter sido mais fácil, os dois últimos por terem sido muito difíceis para o grupo formado por todos os candidatos. Neles, especialmente em P e H, as médias das notas dos candidatos convocados para a 2ª fase em cada carreira diferem pouco das médias gerais por matéria. Em P, a média geral é 7,4 e as médias por carreira vão de 5,8 (-1,6) a 8,2 (+1,8); em H, a média geral é 4,6 e as médias por carreira vão de 3,2 (-1,4) a 5,8 (+1,2). Nos demais conjuntos de questões a separação entre carreiras é mais nítida. Com o aumento do número de questões por matéria

de 10 para 20, espera-se melhorar bastante o poder de discriminação das provas, aumentando sua confiabilidade para todas as carreiras.

QUADRO VI

Médias, normalizadas à nota máxima 10, em cada uma das matérias examinadas no teste para os candidatos convocados para a 2ª fase em algumas carreiras.

CARREIRA	Nota de Corte	P	B	M	F	Q	H	G	TODAS
Medicina	49	8,2	8,4	8,3	6,6	8,1	5,6	7,8	7,6
Engenharia	43	7,7	7,1	8,2	6,5	7,4	5,1	7,6	7,1
Jornalismo	41	8,3	6,7	6,3	4,7	6,2	5,8	7,6	6,6
Direito	40	8,0	6,5	6,3	4,9	6,1	5,4	7,6	6,5
Public./Propaganda	40	7,9	6,4	6,2	4,9	6,1	5,1	7,4	6,3
Odontologia	39	7,6	7,0	6,5	5,0	6,6	4,5	6,9	6,3
Arquitetura	39	7,9	6,4	6,6	4,9	6,1	4,8	7,2	6,3
Administração	38	7,6	6,3	6,6	4,9	6,0	5,0	7,4	6,3
Computação - S. Carlos	38	7,3	6,5	6,6	5,2	6,4	4,4	6,9	6,2
Eng. Civil - São Carlos	36	7,0	6,2	6,8	5,1	6,3	4,3	6,6	6,1
Ciências Biológicas	34	7,0	6,4	5,1	4,3	5,5	4,4	6,7	5,7
Física	32	7,0	5,3	5,8	5,2	5,4	4,4	6,8	5,7
Psicologia	31	7,3	5,4	4,2	3,7	4,7	3,9	6,0	5,1
Eng. Agrônômica	30	6,6	5,6	4,6	3,9	5,0	3,9	6,2	5,1
Ciências Sociais	29	7,4	4,6	4,1	3,5	4,0	4,8	6,4	5,0
Educação Física	29	6,8	4,7	4,3	3,4	4,2	3,8	5,8	4,8
História	28	7,4	4,5	3,6	3,2	3,7	4,8	6,6	4,9
Química - S. Carlos	28	6,4	5,0	4,1	3,6	5,1	3,6	5,7	4,8
Licenc. Matem./Física	26	6,4	4,1	4,6	3,8	3,9	3,6	5,4	4,6
Letras	26	7,2	4,1	3,7	3,2	3,4	4,0	5,8	4,6
Geografia	26	6,6	4,1	3,2	3,1	3,3	4,3	6,4	4,5
Pedagogia	26	6,9	3,8	3,4	3,0	3,5	3,7	5,3	4,3
Enfermagem	25	6,4	4,3	3,3	3,2	3,8	3,3	5,0	4,2
Mat./Estat. - S. Carlos	22	5,8	3,9	3,8	3,6	3,7	3,2	5,2	4,2

O grupo superior compreende as chamadas carreiras tradicionais (Medicina, Engenharia e Direito) às quais se somam três outras carreiras também muito prestigiadas (Odontologia, Arquitetura e Administração) e duas outras que, pela escassez das vagas, alcançam enormes valores na relação demanda/oferta. É evidente que, nesse grupo, o simples acesso à 2ª fase exige dos candidatos um desempenho acima da média em todas as matérias. Em todas essas carreiras a nota de corte está acima de 36 (mais da metade das questões respondidas corretamente) mas, mais expressivo que isso, a média dos acertos do grupo convocado em cada carreira vai de 62% a 76%, o que significa 45 (Administração) a 55 acertos (Medicina) em 72 possíveis.

Já no grupo inferior, onde estão as carreiras em que a nota de corte não atinge 30, a média dos acertos do grupo convocado em cada uma delas gira em torno de 45% o que significa aproximadamente 32 acertos nas 72 questões. Nessas carreiras, mas só nelas, a convocação para a segunda fase ainda fica bastante sujeita ao "acerto casual". Nota-se um desempenho abaixo da média geral em todas as matérias. Com um teste ampliado e apurando-se melhor sua capacidade de discriminação, espera-se reduzir significativamente a importância do chamado "chute" ou acerto casual nesse grupo.

Como veremos adiante, há uma extraordinária correlação entre o desempenho médio no teste e nas questões dissertativas. O número de acertos conseguidos no teste é um indicador muito preciso da probabilidade do candidato conseguir uma vaga. Veremos que, especialmente nas carreiras do grupo superior, um candidato com um número de acertos só ligeiramente acima da nota de corte em sua carreira de opção tem escassa probabilidade de conquistar uma vaga. Dentro das novas regras do Vestibular da FUVEST, ao se levar para o cômputo da nota final, a qual determinará a classificação, os pontos obtidos na primeira fase, esse efeito será reforçado. Em outras palavras, é na prova de Conhecimentos Gerais que o candidato estará dando o passo mais importante para ingressar numa das carreiras disputadas através do vestibular da FUVEST.

Outro ponto que não será nunca demais enfatizar é que o sucesso na primeira fase tem que ser um sucesso global, não sendo suficiente o sucesso num número reduzido de matérias. O candidato que pretende conseguir uma vaga em qualquer uma das carreiras mais disputadas não pode, de maneira alguma, se permitir uma formação secundária desbalanceada. Deixar de lado, por qualquer motivo, uma ou outra matéria é chegar na segunda fase, se chegar, com um handicap difícil de ser revertido. Nas carreiras do grupo superior, ele sequer será convocado para a segunda fase.

Uma formação sólida e equilibrada construída através de uma dedicação continuada, regular e sistemática aos estudos desde, pelo menos, as últimas séries do 1º grau e intensificada, sem atropelos e neuroses, ao longo de todo o 2º grau é condição essencial para disputar, com elevadas chances de sucesso, uma vaga nas carreiras do grupo superior. Se isso já é verdade hoje, a tendência do vestibular da FUVEST é reforçar mais e mais este aspecto. O resto faz parte do folclore que se vem tecendo em torno do vestibular.

O Quadro VII, construído nos mesmos moldes do Quadro VI, refere-se ao grupo seletivo dos candidatos que obtiveram uma vaga em sua carreira de opção. Ele ilustra magnificamente os dois últimos parágrafos.

QUADRO VII

O mesmo que no Quadro VI para os candidatos que conseguiram uma vaga na carreira em que se inscreveram. O resultado algo discrepante observado na carreira Arquitetura, colocada anteriormente no grupo superior, deve-se ao critério com que foi considerada a nota de Desenho no processo de matrícula. Tal critério não mais vigorará em 1995.

CARREIRA	P	B	M	F	Q	H	G	TODAS	Nº MÉDIO DE ACERTOS
Medicina	8,5	8,9	9,2	7,7	8,7	6,5	8,3	8,26	59,5
Engenh. e Ciências Exat.	8,2	7,9	9,2	7,6	8,3	5,9	8,1	7,89	56,8
Jornalismo	8,7	7,4	7,7	5,7	7,5	6,6	8,3	7,45	53,6
Direito	8,5	7,3	7,7	5,9	7,2	6,5	8,3	7,38	53,1
Public./Propaganda	8,5	7,6	8,6	5,7	7,5	6,1	8,3	7,50	54,0
Odontologia - Capital	8,0	7,9	8,3	6,4	8,0	5,4	7,8	7,42	53,4
Arquitetura - FAU	7,9	6,9	7,4	5,5	6,6	5,2	7,6	6,76	48,6
Administração	8,2	7,2	8,0	5,8	7,2	5,6	8,0	7,17	51,6
Computação - S. Carlos	7,9	7,3	8,0	6,4	7,4	4,8	7,2	7,03	50,6
Eng. Civil - S. Carlos	7,7	7,1	7,9	5,7	7,3	4,8	7,2	6,84	49,2
Ciências Biológicas - IB	8,0	7,2	5,7	4,8	6,6	4,6	7,1	6,33	45,6
Física	7,3	6,0	6,7	5,8	6,3	4,7	7,1	6,31	45,4
Psicologia - Capital	8,2	7,1	6,5	4,8	6,3	5,2	7,1	6,51	46,8
Eng. Agrônômica	7,1	6,3	5,2	4,2	6,3	4,2	6,7	5,75	41,4
Ciências Sociais	7,8	5,3	4,9	3,8	4,6	5,2	6,9	5,56	40,1
Ciências da Terra	7,1	5,1	5,4	4,0	5,1	4,5	6,8	5,48	39,4
Educação Física	7,1	5,5	5,3	3,8	5,3	4,6	6,1	5,43	39,1
História	7,8	5,1	4,4	3,5	4,1	5,2	7,1	5,38	38,8
Química - S. Carlos	6,8	5,6	4,7	3,9	6,0	3,9	6,0	5,31	38,2
Licen. Matem./Física	6,8	4,5	5,7	4,4	4,5	3,9	6,0	5,16	37,1
Letras	7,7	4,7	4,4	3,6	4,2	4,5	6,4	5,14	37,0
Geografia	7,2	4,6	3,7	3,4	3,7	4,9	7,1	5,01	36,0
Pedagogia	7,3	4,6	4,5	3,4	3,7	4,5	6,0	4,93	35,5
Enfermagem	6,9	5,2	3,9	3,4	4,3	3,7	5,7	4,79	34,5
Mat./Estat. - S. Carlos	6,1	4,3	4,2	3,7	3,9	3,4	5,7	4,52	32,5

IV - A PROVA DA SEGUNDA FASE

Pelo que foi acima exposto, poder-se-ia imaginar que a prova da primeira fase seria suficiente para uma correta seleção dos candidatos que deverão preencher as vagas existentes. Como já foi comentado, tal não é verdade. Os testes de múltipla escolha são instrumentos eficazes para avaliar conhecimentos e capacidade de raciocínio mas não avaliam outros aspectos igualmente importantes cuja apreciação é essencial para uma boa escolha daqueles que serão,

finalmente, selecionados. Esses aspectos são, entre outros, a capacidade de redigir corretamente em língua portuguesa, a capacidade de organizar idéias, de argumentar e de expor analiticamente o raciocínio. Além disso, dado o elevado número de excelentes candidatos que se inscrevem nos vestibulares da FUVEST, é essencial, para uma justa seleção, que o concurso se dê em duas etapas, a primeira constituindo-se numa pré-seleção. Dessa forma, os melhores candidatos terão uma segunda oportunidade de avaliação, exatamente em aspectos que, pela natureza do exame da primeira fase, não puderam ser apreciados.

QUADRO VIII

Médias nas provas da 2ª fase para os alunos matriculados nas mesmas carreiras dos Quadros VI e VII. As médias globais foram calculadas considerando se as provas foram feitas em nível 1 ou 2.

CARREIRA	M	F	Q	B	P	R	H	G	L	TODAS
Medicina	7,5	8,9	6,9	8,6	7,2	5,5	6,7	6,8	7,4	7,3
Engenharia	5,8	8,9	6,7	7,2	6,5	4,8	5,8	4,5	7,0	6,4
Jornalismo	5,9	8,1	7,4	7,4	6,9	5,4	7,7	6,5	7,2	6,9
Direito	4,8	7,5	6,9	6,9	6,6	5,2	7,5	6,2	7,0	6,5
Public./Propaganda	6,4	8,4	7,3	7,5	6,6	5,2	7,0	6,1	6,9	6,7
Odontologia	4,2	7,7	5,3	7,3	5,8	4,6	5,4	4,4	5,3	5,7
Arquitetura	3,3	5,8	5,5	5,5	5,4	4,2	5,5	3,5	5,4	4,9
Administração	3,8	7,7	6,8	6,4	6,0	4,8	6,6	5,1	6,9	5,7
Computação - S. Carlos	4,3	7,7	6,9	6,3	5,7	4,5	4,8	3,6	5,7	5,5
Eng. Civil - S. Carlos	3,9	7,5	5,3	5,8	5,2	4,5	5,0	4,0	4,3	5,1
Ciências Biológicas	2,6	5,5	3,9	6,5	5,0	4,5	4,6	3,6	5,0	4,6
Física	3,2	6,7	3,8	4,9	4,3	4,2	4,3	2,8	4,8	4,4
Psicologia	3,3	5,1	4,6	5,9	5,0	4,9	5,8	4,4	4,4	5,0
Eng. Agrônômica	2,1	4,8	3,0	5,2	4,9	3,9	4,1	3,1	3,8	3,9
Ciências Sociais	2,4	3,6	3,2	4,1	4,5	4,7	6,0	5,1	4,5	4,4
Educação Física	3,0	4,4	4,2	4,8	4,7	4,5	4,5	4,2	4,0	4,3
História	2,0	2,8	2,7	3,9	4,6	4,7	6,2	4,9	4,3	4,3
Química - S. Carlos	1,7	4,2	3,4	4,2	4,0	4,0	3,9	3,0	2,7	3,5
Licenc. Matem./Física	2,2	4,3	3,2	3,3	3,7	3,7	3,2	2,3	3,6	3,3
Letras	2,3	2,9	2,6	3,5	4,3	4,5	5,0	4,1	4,9	4,1
Geografia	1,3	2,3	1,8	3,1	4,1	3,9	5,4	4,5	3,8	3,7
Pedagogia	2,2	2,8	2,5	3,6	4,7	4,2	4,8	3,8	4,0	3,9
Enfermagem	1,6	2,8	2,8	4,2	4,4	3,9	3,5	3,1	2,9	3,4
Mat./Estat. - S. Carlos	1,4	2,6	2,3	2,9	3,6	3,3	2,9	2,1	2,5	2,6

Será também possível, com a escolha de um número reduzido de provas cobrindo apenas as matérias consideradas definidoras do perfil considerado mais adequado para cada carreira, aprofundar a avaliação em determinadas disciplinas, sem sobrecarregar demasiadamente os candidatos. Eles serão chamados para demonstrar sua capacitação nos aspectos que caracterizam as provas analítico-expositivas apenas em Língua Portuguesa e naquelas disciplinas em que possuem um maior domínio do conteúdo específico.

O Quadro VIII relaciona as médias das provas da 2ª fase dos matriculados no último vestibular da FUVEST, nas mesmas carreiras do Quadro VII. As médias globais, obviamente, levam em conta se a prova foi de peso 1 ou 2. A correspondência entre os resultados fala por si só. Os chamados grupos superior e inferior continuam nitidamente separados indicando claramente que notas de corte, número médio de acertos entre os convocados para a 2ª fase ou média global dos matriculados, em cada carreira, são indicadores equivalentes. Se os Quadros VII e VIII contivessem não apenas as 24 carreiras selecionadas mas todas elas, as conclusões seriam rigorosamente idênticas.

Uma comparação atenta entre as médias por matéria nos dois Quadros pode dar a impressão que as provas analítico-expositivas foram muito mais discriminativas que os testes objetivos. O que ocorre é que nos testes existe, como já foi comentado, um componente de acertos casuais que faz com que as médias, numa dada matéria, não caiam abaixo de 2, por mais fraco que seja o grupo examinado, desde que ele seja razoavelmente numeroso. Os acertos casuais introduzem um "ruído" ou "fundo" que é muito difícil de ser avaliado pois depende da natureza da questão e do grupo para o qual ela é proposta. Apresentamos uma discussão desse problema num trabalho intitulado "Análise do teste da primeira fase do Concurso Vestibular da FUVEST-1994" que está em vias de ser publicado. O índice bruto de acertos é, numa dada questão e num dado grupo, a razão entre o número de respostas corretas e o número total de respondentes. O índice de acertos conscientes é obtido subtraindo-se do índice bruto aquilo que podemos chamar de índice de acertos casuais e que constitui o "ruído" a que nos referimos acima. Esse índice de acertos casuais, ou ao acaso, varia muito de questão para questão e exige, portanto, em cada caso, a análise do padrão de respostas (distribuição das preferências dos respondentes pelas cinco opções apresentadas em cada questão). Mas, para uma dada questão, ele não é uma constante. Depende também do grupo considerado, tendendo a ser menor num grupo de respondentes melhor preparados e maior naqueles que, em média, são menos bem preparados. Assim, o estudo comparativo entre resultados obtidos em testes e em questões dissertativas, visando obter correlação entre elas, exige que se trabalhe como o índice efetivo de acertos e não com o índice bruto de acertos, se quisermos ser rigorosos. Quando trabalhamos com o índice efetivo de acertos, se subtrairmos das médias mais elevadas, referentes aos acertos brutos, um "fundo" menor que aquele que se aplica nas médias mais baixas, a separação entre os grupos de respondentes fica

FIGURA 10

No eixo horizontal representa-se P, o número médio de questões acertadas pelos candidatos matriculados num dado curso. No eixo vertical representa-se N, a média ponderada final nas provas de 2ª fase dos mesmos candidatos. Não foram considerados os cursos com provas de Habilidades Específicas pois não se espera nenhuma correlação entre a nota nesta prova particular e o resultado

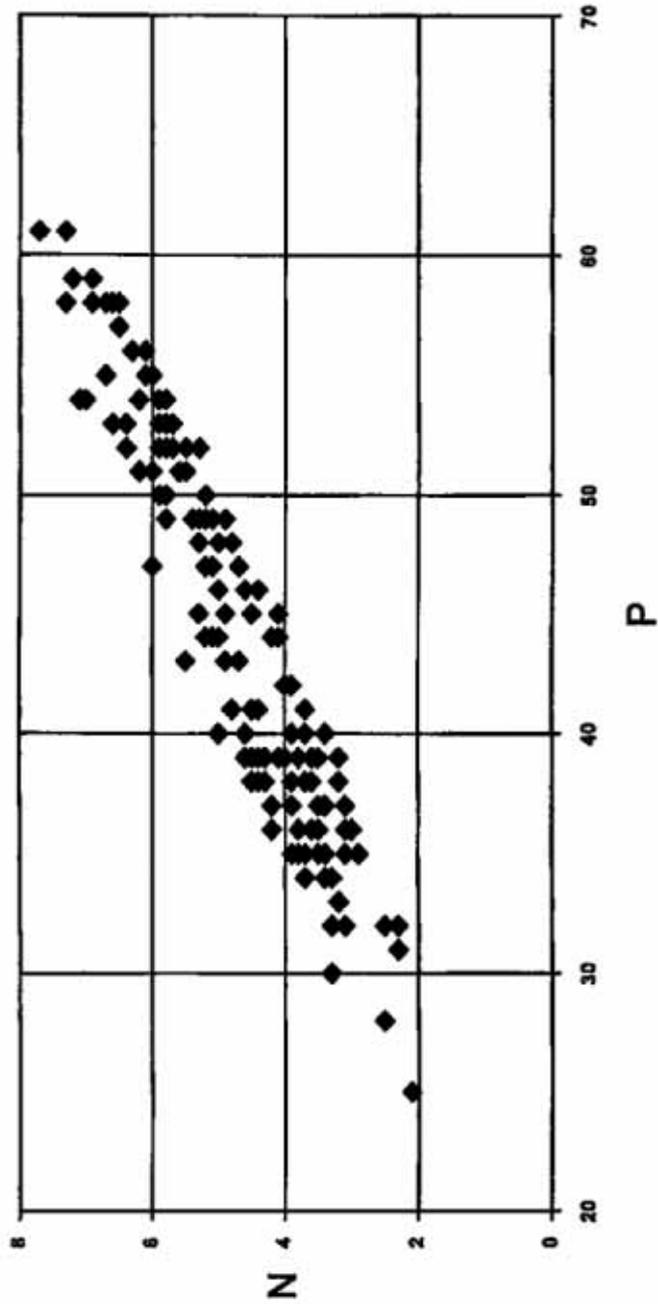
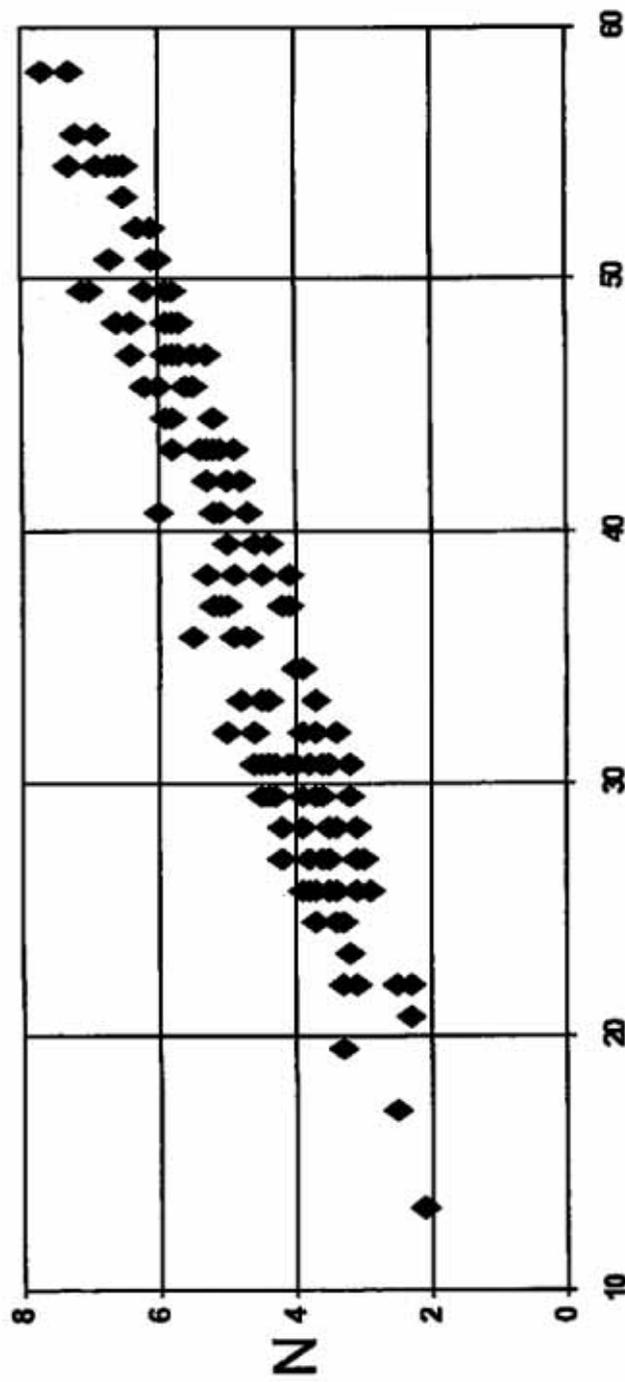


Figura 11

O mesmo que na figura 10, exceto que no eixo horizontal representa-se $P^* = 1,25P - 18$ o que procura levar em conta os efeitos dos acertos casuais que tendem a enfraquecer a correlação. (Ver texto para a explicação do significado de P^*).



$$P^* = 1,25P - 18$$

muito mais evidente, isto é, fica muito mais nítido o poder de discriminação dentro de uma dada disciplina. Neste trabalho, apenas índices de acertos brutos estão sendo considerados nos Quadros, mas nas Figuras 11 e 12 foram utilizados índices médios efetivos.

No Quadro VIII é fácil perceber que as notas médias obtidas em Redação não são significativamente diferentes em grupos de candidatos com muito bom desempenho nas demais provas da 2ª fase e em grupos onde o desempenho médio, no restante, é fraco. Este resultado, verificado em 1994, não difere, em nada, de resultados anteriores da FUVEST, apesar de ter havido uma profunda alteração na maneira de corrigir as redações. Ele pode refletir uma independência entre a capacidade de se expressar por escrito, dissertando sobre um tema proposto, e o fato do indivíduo possuir maior ou menor cabedal de conhecimentos. Pode também refletir uma dificuldade ligada à avaliação dos textos escritos pelos candidatos pela banca de correção. Enquanto tal fato não estiver suficientemente esclarecido, o Conselho de Graduação da Universidade de São Paulo resolveu, acatando recomendação da FUVEST, reduzir o peso relativo da prova de Redação na maioria das carreiras. De objetivo, o que se pode dizer é que os resultados obtidos na avaliação das Redações têm pouco a ver com o desempenho dos candidatos nas demais provas, inclusive de Língua Portuguesa, tanto na 1ª quanto na 2ª fase: se considerarmos as 9 carreiras que constituem o grupo superior nos Quadros VII e VIII, a média em Redação foi 4,9; nas 10 carreiras que constituem o grupo inferior ela foi 4,1. Não chega a ser uma anticorrelação, mas é uma correlação muito fraca comparada com os demais resultados observados.

As Figuras 10 e 11 mostram, para os matriculados em 140 cursos (foram excluídos aqueles em que há provas de habilidades específicas), a correlação existente entre a média ponderada final nas provas da 2ª fase e o número médio de acertos na prova da 1ª fase. Na Figura 10 considerou-se o índice bruto de acertos. Na Figura seguinte procurou-se obter um índice efetivo médio de acertos de modo a tornar mais explícita a correlação pela eliminação dos efeitos causados pelos acertos casuais os quais, obviamente existem e, sabidamente, enfraquecem a correlação. Admitiu-se que num grupo com média de acertos igual a 72 (todas as respostas corretas) o componente de acertos casuais seria nulo ao passo que num grupo com média de acertos 72 ± 5 (são 5 opções) todas as respostas corretas seriam, em média, acertos casuais (índice efetivo de acertos nulo). Situações intermediárias podem ser consideradas com outras hipóteses sobre o nível de ruído quando o índice bruto de acertos fica em 14,4. Qualitativamente, as conclusões não serão alteradas.

Uma análise de correlação, matéria por matéria, também pode ser feita, mas a qualidade do resultado é prejudicada por dois fatores: 1) o pequeno número de questões no teste (10) e na prova dissertativa (6 no nível 1 e 12 no nível 2) torna estatisticamente menos significativos os valores médios apurados, 2) se uma das duas provas – a objetiva ou a analítico-expositiva – foi pouco

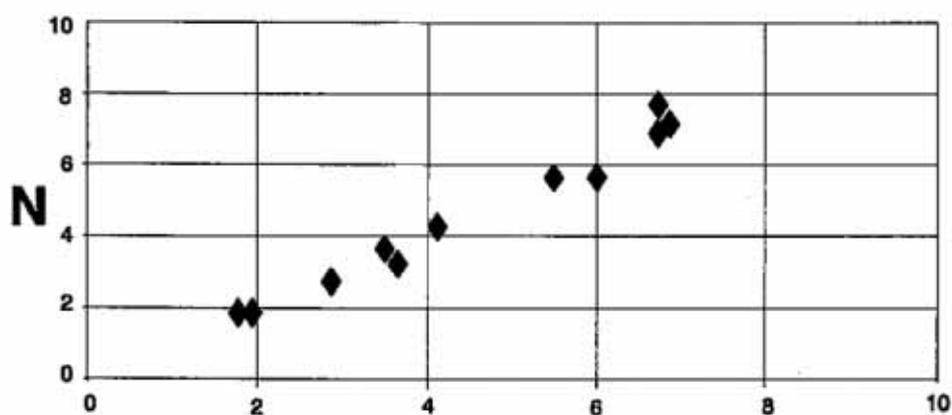
discriminativa, as suas médias tendem a ficar demasiadamente agrupadas, obscurecendo a correlação. Na correlação por médias globais, na 1ª e na 2ª fase, o número de questões envolvidas é muito maior, e o fato de uma ou outra prova ter sido pouco discriminativa fica diluído nos conjuntos de matérias (7 na primeira fase e 9 na segunda). De qualquer modo, não se observa nunca algo como uma anticorrelação e na maior parte dos casos ela é mesmo excelente e se manifesta inclusive em pequenos detalhes bastante sutis como diferenças sistemáticas em cursos diferentes pertencentes a uma mesma carreira. Exemplos do primeiro caso são as figuras 12 (a, b, ..., f) e do segundo caso o Quadro IX. Nas figuras, o eixo horizontal é $M^* = 1,25 M - 2,5$ onde M é a média bruta na 1ª fase e M^* é a média efetiva, obtida a partir da primeira com a seguinte hipótese: se $M = 10,0$ então $M^* = M$ e se $M = 2,0$ então $M^* = 0,0$. Este procedimento, equivalente ao usado para calcular P^* , procura remover das médias brutas a contribuição acidental devida aos acertos casuais.

V - O INGRESSO NAS CARREIRAS MAIS PROCURADAS

Nesta seção será dedicada particular atenção às carreiras que apresentam as mais elevadas relações candidato/vaga, mostrando as principais características das mesmas. O Quadro resume uma série de informações sobre essas carreiras e introduz dois novos índices: $F_1(\%)$, porcentagem dos matriculados que, na primeira fase, obtiveram um número de acertos de N a $N+3$ (inclusive); e $F_2(\%)$ porcentagem, dos convocados para a segunda fase com número de acertos na primeira de $N_{\max} - 5$ (inclusive) até N_{\max} e que conseguiram vaga. N é a nota de corte e N_{\max} é o número máximo de acertos conseguido por um candidato na carreira considerada. Ele inclui as carreiras com os valores de I/V mais elevados e outros onde, apesar de I/V ser inferior a 28,7, o número de candidatos inscritos é bastante elevado (> 2.000) mantendo-se ainda $I/V \geq 13,5$. Uma característica comum a todas as carreiras com elevada demanda é a pequena probabilidade de um candidato que, na primeira fase, obteve poucos pontos acima de nota de corte em sua carreira conseguir uma vaga. O número destoante que aparece na carreira de Arquitetura deve-se, exclusivamente, à maneira como era tratada a pontuação obtida na prova de Desenho. Tal procedimento não mais ocorrerá em 1995. Em carreiras de demanda reduzida, o valor de F_1 é bastante superior: 15% em Ciências Sociais e em Matemática/Estatística - São Paulo, 18% em Enfermagem e Letras e 21% em Pedagogia. É, portanto, muito mais nestas últimas que nas primeiras que o formato do vestibular - levando para a classificação o resultado da primeira fase - vai influir na classificação. Nas carreiras mais disputadas, um candidato que passa para a segunda fase raspando logo acima da nota de corte é um candidato que já mostrou não ter condições de competir em igualdade de condições com o forte grupo com o qual está disputando uma vaga. Se sua missão era difícil, agora será praticamente impossível.

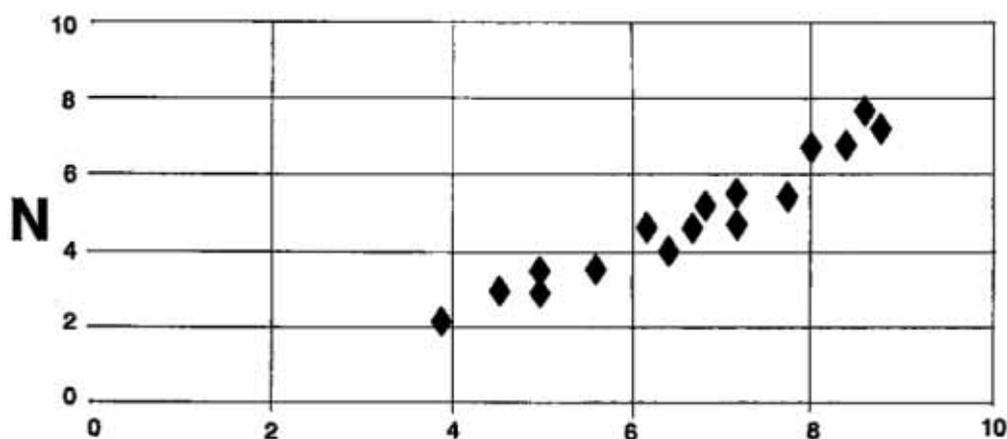
Figuras 12 a – 12 f

Neste conjunto de 6 figuras, representa-se, no eixo vertical, a média obtida na prova dissertativa de uma dada matéria pelo grupo de alunos que obtiveram uma vaga num dado curso e, no eixo horizontal, a média (de 0 a 10) obtida, pelo mesmo grupo, nas 10 questões do teste referentes à mesma matéria. A média representada é $M^* = 1,25M - 2,5$ onde M é a média bruta, conforme explicado no texto. Com esse procedimento procura-se eliminar, estatisticamente, e a influência dos acertos casuais no teste. a) Química (Nível 1 na 2ª fase), b) Química (Nível 2 na 2ª fase), c) Biologia (Nível 1 na 2ª fase), Biologia (Nível 2 na 2ª fase), e) Matemática (Nível 1 na 2ª fase), f) Física (Nível 2 na 2ª fase). Estas figuras permitem ver certos detalhes como, por exemplo, se a prova dissertativa foi mais (Matemática) ou menos (Física) exigente que as questões correspondentes no teste.



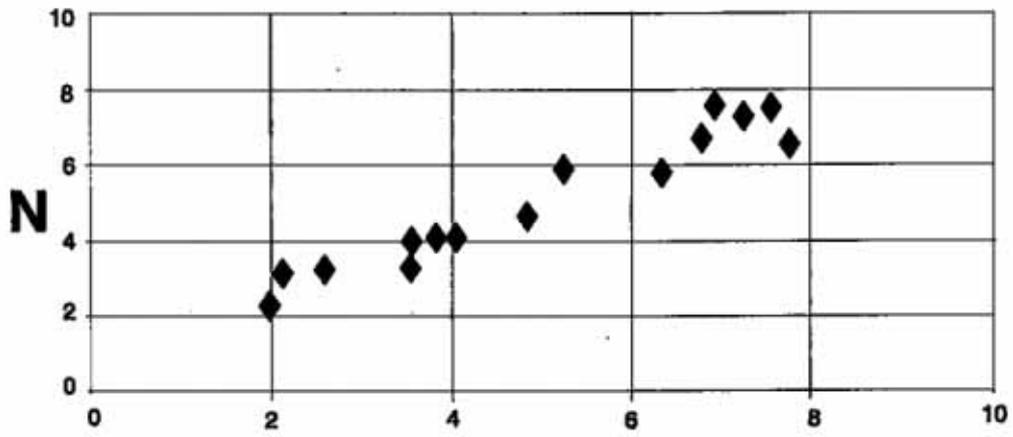
Química Nível 1

Figura 12 a

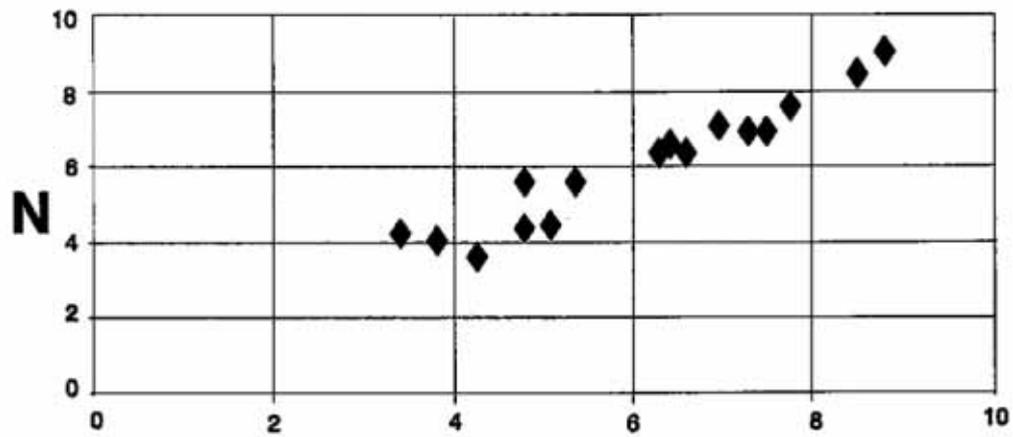


Química Nível 2

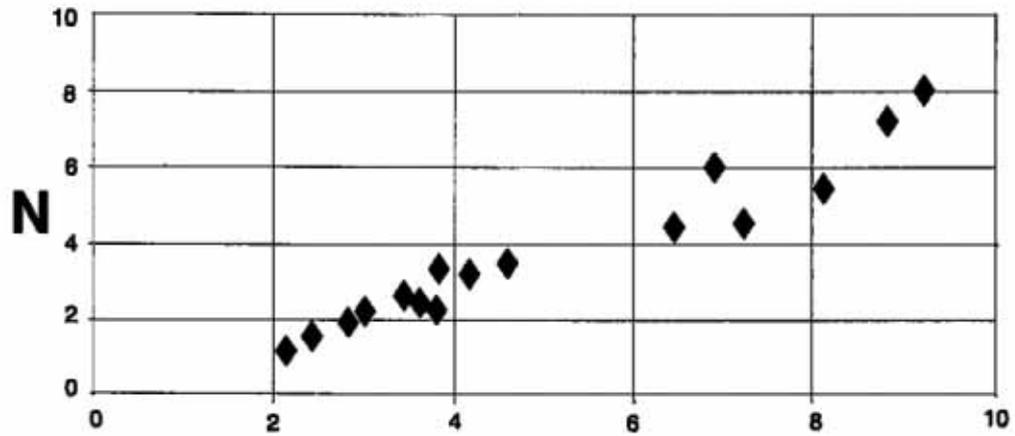
Figura 12 b



Biología Nivel 1
Figura 12 c

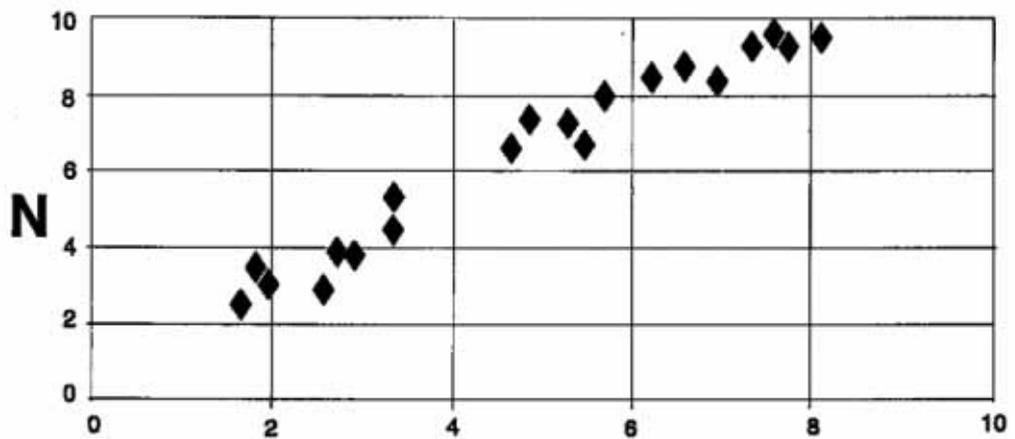


Biología Nivel 2
Figura 12 d



Matemática Nível 1

Figura 12 e



Física Nível 2

Figura 12 f

QUADRO IX

Comparação entre as médias, por matéria, no teste e na prova analítico-expositiva em cursos de uma mesma carreira. O objetivo é mostrar como a segunda acompanha a primeira nos mínimos detalhes.

CARREIRA: FILOSOFIA

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
Vespertino	1ª	4,3	3,7	4,3	4,7	7,9	5,4	7,1
	2ª	2,3	3,1	2,6	3,6	4,3	5,9	4,7
Noturno	1ª	5,7	4,9	4,8	5,2	8,0	5,4	7,7
	2ª	3,4	4,6	3,3	4,0	4,2	6,2	5,1

CARREIRA: ADMINISTRAÇÃO

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
Ad. Empresas tarde	1ª	7,3	5,3	7,0	6,9	7,9	5,6	7,4
	2ª	3,2	7,0	6,5	6,0	5,7	6,0	4,6
Administração Pública	1ª	8,7	6,3	7,6	7,5	8,4	5,7	8,0
	2ª	4,5	8,5	7,2	7,1	6,2	7,1	5,2

CARREIRA: DIREITO

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
Vespertino	1ª	8,1	6,0	7,4	7,7	8,6	6,7	8,4
	2ª	5,1	7,9	7,3	7,4	6,8	7,7	6,4
Noturno	1ª	7,3	5,7	6,9	6,8	8,4	6,2	8,1
	2ª	4,5	7,1	6,6	6,5	6,3	7,4	6,0

CARREIRA: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
IB - Integral	1ª	7,2	5,8	7,2	7,9	7,9	5,0	7,4
	2ª	3,2	6,7	4,8	7,1	5,3	5,4	4,0
UFSCar	1ª	5,5	4,6	6,7	7,0	7,8	4,3	7,0
	2ª	2,1	4,7	3,3	6,2	4,5	3,9	3,3

CARREIRA: MEDICINA

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
USP Capital	1ª	9,4	8,0	8,9	9,0	8,8	6,9	8,6
	2ª	7,9	9,1	7,3	8,8	7,6	7,3	7,1
USP Ribeirão Preto	1ª	9,2	7,5	8,6	8,8	8,4	6,1	8,2
	2ª	7,5	9,0	6,9	8,5	7,0	6,6	6,6

CARREIRA: ODONTOLOGIA

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
Integral	1ª	8,4	6,5	8,2	8,0	8,2	5,5	7,9
	2ª	4,4	7,9	5,5	7,6	6,0	5,6	4,7
Noturno	1ª	8,1	6,1	7,6	7,8	7,8	5,2	7,7
	2ª	3,9	7,3	4,8	6,9	5,6	4,9	3,9

CARREIRA: ENGENHARIA E CIÊNCIAS EXATAS

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
Matemática Bacharelado	1ª	8,9	7,0	7,8	7,4	7,7	5,1	7,7
	2ª	4,8	8,3	5,7	6,6	6,0	4,9	3,7
Ciência da Computação	1ª	9,4	8,3	8,6	8,1	8,1	5,9	8,0
	2ª	6,2	9,1	7,0	7,5	6,5	6,2	4,3

CARREIRA: ENGENHARIA – SÃO CARLOS

CURSO	FASE	M	F	Q	B	P	H	G
Elétrica	1ª	8,8	7,0	7,8	7,4	7,6	4,8	7,4
	2ª	5,0	8,8	6,2	6,3	6,1	4,8	3,7
Mecânica	1ª	9,0	7,8	8,1	8,1	7,9	5,5	8,1
	2ª	5,7	8,9	6,5	6,9	5,9	5,7	4,9

A constatação feita acima mostra também que serão, na prática, irrelevantes esforços adicionais para levar para a segunda fase mais candidatos nessas carreiras. Serão candidatos predestinados a não alcançar, finalmente, uma vaga.

Quanto a F₂, trata-se de um número que é essencialmente igual a 100% em todas as carreiras mas é injustamente nas carreiras onde a competição é

muito intensa que F₂ cai a seus menores valores. O equilíbrio entre os competidores é, nessas carreiras, extremamente elevado. Em Medicina, por exemplo, as médias das notas da 2ª fase ficaram entre 6,82 e 8,97. São 485 indivíduos nesta estreita faixa de 2,15 pontos. Pior que isso, nada menos que 120 candidatos (um quarto do total!) ficaram entre 6,82 e 6,99! A vaga foi, portanto, obtida às custas de detalhes ínfimos. Qual dos dois exames avaliou melhor: o da primeira fase ou os da segunda? É difícil saber, a única certeza é que eles avaliaram diferentemente alguns candidatos muito bons.

QUADRO X

Principais características do desempenho em carreiras com relação demanda/oferta muito elevada. 1ª coluna: V, número de vagas. 2ª coluna: I, número de candidatos inscritos presentes à prova da 1ª fase. 3ª coluna: I/V. 4ª coluna: C, número de candidatos convocados para a 2ª fase. 5ª coluna: N, nota de corte. 6ª coluna: C/V. 7ª coluna: F₁ (%), ver definição no texto. 8ª coluna: F₂ (%), ver definição no texto; 9ª coluna: C*, número de candidatos que teriam sido convocados para a 2ª fase, em 1994, com o critério de convocação a ser adotado em 1995. 10ª coluna: N*, nota de corte que teria ocorrido, em 1994, caso o critério de convocação tivesse sido o que será adotado em 1995.

CARREIRA	V	I	I/V	C	N	C/V	F ₁ (%)	F ₂ (%)	C*	N*
Publicidade e Propaganda	40	3222	80,6	368	40	9,2	2,5	100	420	39
Jornalismo	45	2377	52,8	338	41	7,5	4,4	100	376	40
Turismo	20	900	45,0	141	35	7,1	5,0	100	141	35
Direito	450	14999	33,3	2696	40	6,0	5,1	92	2986	39
Odontologia	133	4413	33,2	773	39	5,8	1,5	93	866	38
Fisioterapia	65	2104	32,4	377	36	5,8	4,6	100	377	36
Medicina Veterinária	80	2551	31,9	478	39	6,0	2,5	100	478	39
Medicina	485	13901	28,7	2632	49	5,4	3,9	87	3170	47
Eng. Ciências Exatas	844	11667	13,8	3202	43	3,8	2,3	98	3445	42
Administração	400	8520	21,3	2017	38	5,0	3,3	100	2017	38
Arquitetura - FAU	150	2979	19,9	715	39	4,8	16,0(*)	100	715	39
Farmácia Bioquímica	135	2560	19,0	614	37	4,5	3,7	92	614	37
Computação - São Carlos	100	2118	21,2	467	38	4,7	3,0	93	467	38

(*) Este resultado anômalo deve-se exclusivamente à maneira como era tratada a prova de Desenho. Tal procedimento não ocorrerá em 1995.

O que parece conclusivo é que, nas carreiras de ponta, tem sido muito mais provável cair muito na 2ª fase do que subir muito. Examinando algumas situações individuais, verifica-se que as grandes quedas estão geralmente associadas a uma nota baixa em Redação. No Vestibular de 1995 essas grandes quedas serão menos prováveis, por terem sido introduzidos mecanismos estabilizadores, mas não estão excluídas. De fato, as provas dissertativas, sem a preocupação de se ter as questões que caracterizavam uma prova de nível 1, poderão ser muito mais discriminativas que atualmente, dentro dos grupos mais bem preparados e, portanto, mais homogêneos. Assim, embora o transporte dos pontos obtidos na primeira fase para a classificação e o peso relativo menor a

prova de Redação devam funcionar como "amortecedores" das grandes quedas observadas na 2ª fase, as provas dissertativas, por serem prioritariamente voltadas para as carreiras mais competitivas, serão mais eficientes na seleção dos candidatos nestas últimas.

Nas Figuras 13 (a, b, c, d), ilustra-se a situação verificada em quatro carreiras do grupo considerada nesta seção. Nelas estão representados o total dos convocados e os matriculados nas vagas existentes em cada uma delas. O eixo horizontal indica o número de pontos conseguidos na primeira fase, começando com o valor da nota de corte (N). No vestibular de 1994, aqui representado, todos os convocados partem novamente do zero na segunda fase. As figuras mostram que, apesar disso, a probabilidade de sucesso é tanto maior quanto maior foi o número de pontos obtidos na primeira fase. Esse é, portanto, um bom indicador para medir a chance do candidato ter sucesso na 2ª fase. O intervalo entre N e N_{max} nas carreiras mais procuradas é, tipicamente, de 20 a 30, com média em 25. No formato que vigorará em 1995 os candidatos partirão, na segunda fase, das posições conquistadas na primeira. Fazendo uma proporcionalidade entre o número atual de questões (72) e o que será adotado no próximo vestibular (160) o intervalo $N_{max} - N$ valerá aproximadamente 55 mais ou menos 10 pontos. Estarão em jogo, na segunda fase, 160 pontos no máximo. É evidente que uma "especialização" prematura nas poucas disciplinas da 2ª fase será uma estratégia provavelmente desastrosa para a conquista de uma vaga.

A Figura 14 mostra os dados da Figura 13 arranjados de outro modo. Para cada intervalo de três pontos (acima da nota de corte e até a nota máxima obtida por um candidato na carreira considerada) determinou-se a razão entre o número de candidatos que obtiveram matrícula (V) e o número de candidatos que realizaram as provas da 2ª fase (C). Essa razão é apresentada no eixo vertical como uma porcentagem. Quanto maior for o número de pontos obtido por um candidato na 1ª fase, maior é a probabilidade (V/C em %) dele conseguir ocupar uma vaga. Esta Figura revela assim, de maneira diferente das Figuras 12, a mesma evidência de uma forte correlação entre os resultados obtidos nos testes e nas provas analítico-expositivas já que foram só essas últimas que, em 1994, determinaram o preenchimento das vagas.

VI – A ESCOLHA DA CARREIRA PELO CANDIDATO

Conforme já discutimos longamente nas seções anteriores e é amplamente conhecido por todos, um candidato com um preparo satisfatório – isto é, aquele em condições de acertar mais que a metade das questões propostas na primeira fase, o que corresponde a cerca de 25% do total de inscritos – tem probabilidades muito desiguais de obter uma das vagas em jogo, pois tal sucesso dependerá da carreira escolhida. Tal candidato, em certas carreiras sequer terá a oportunidade de passar para a segunda fase; nelas, a nota de corte é maior, ou mesmo bem maior, que simplesmente a metade do total de questões. No FUVEST-94, das

Figura 13

Em cada uma das quatro carreiras selecionadas, são indicados os convocados para a 2ª fase e os candidatos que obtiveram uma vaga (matriculados). O eixo horizontal representa o número de pontos conseguidos na primeira fase, começando com o valor da nota de corte. a) Administração; b) Farmácia-Bioquímica, c) Odontologia; d) Engenharia - USP/ São Carlos.

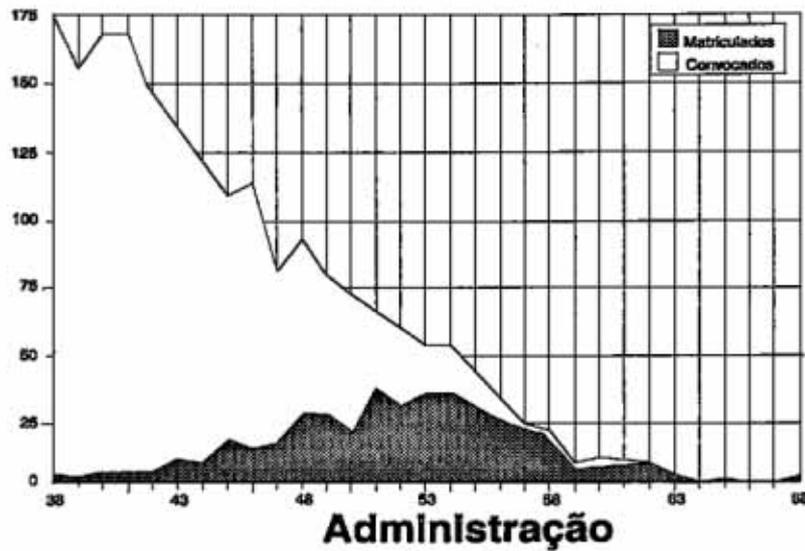
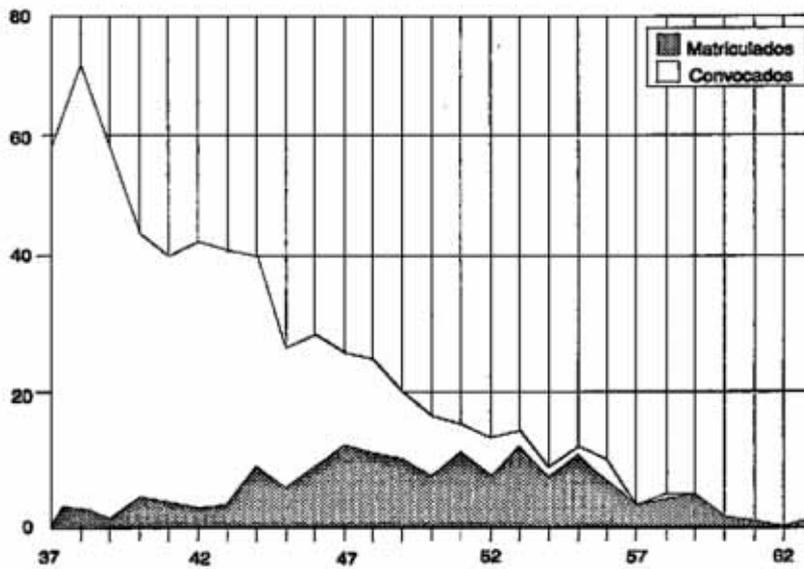
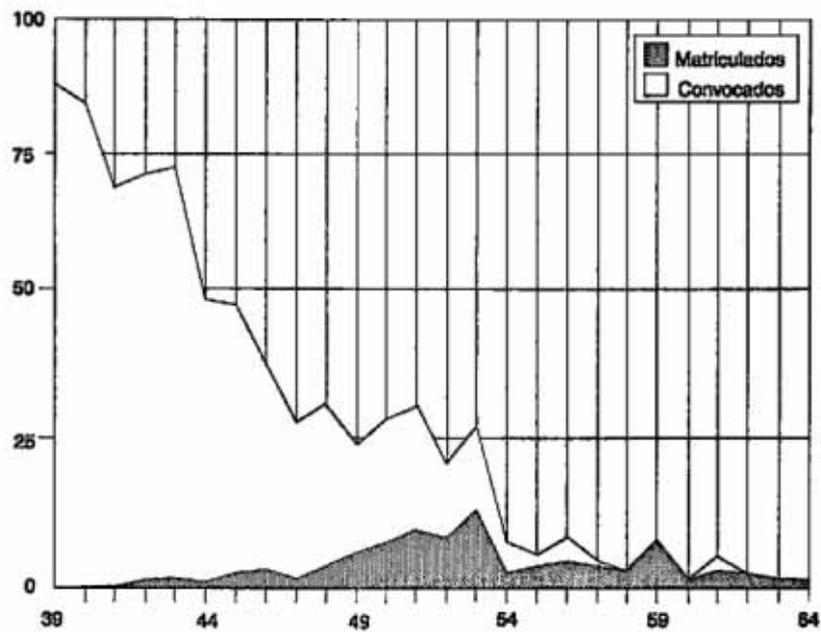


Figura 13a

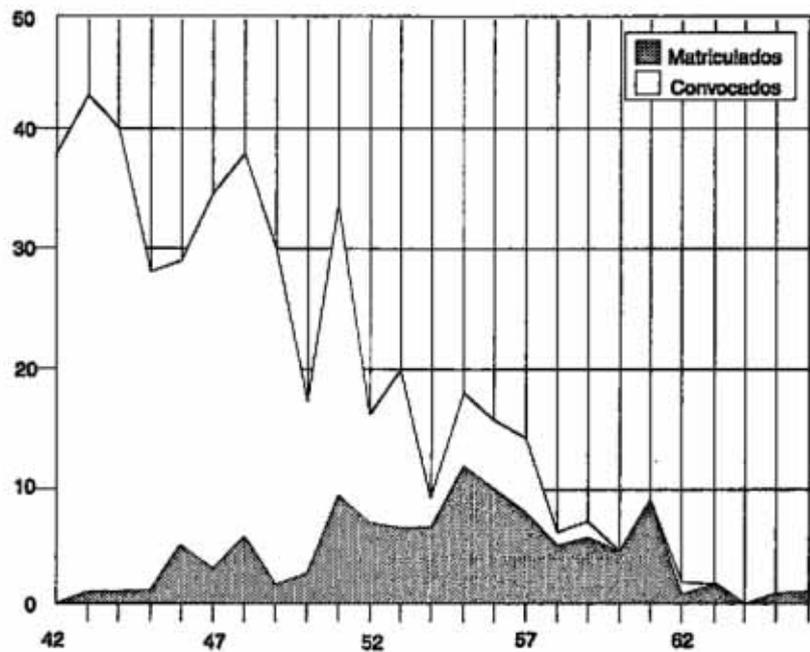


Farmácia Bioquímica

Figura 13b



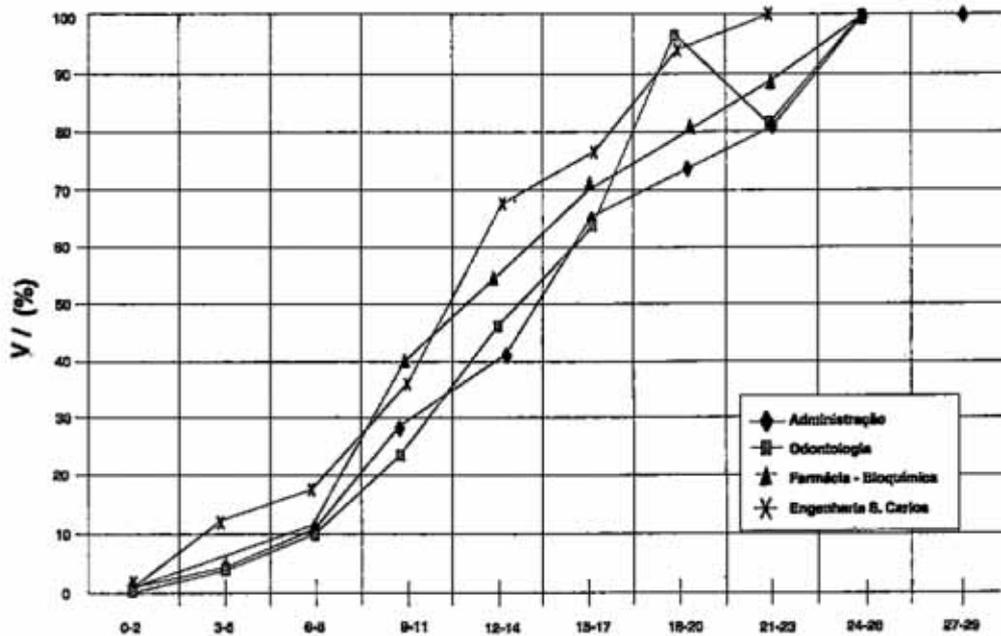
Odontologia
Figura 13c



Engenharia São Carlos
Figura 13d

Figura 14

O eixo vertical indica a probabilidade de um dado grupo de candidatos convocados para a 2ª fase (C) obter uma vaga (V) realizando provas dissertativas. Cada grupo de candidatos compreende aqueles que, no teste objetivo, obtiveram uma pontuação num intervalo de 3 pontos no teste objetivo. Esses intervalos são indicados no eixo horizontal pela diferença entre o número de pontos obtidos e a nota de corte (N - NC). As carreiras escolhidas para ilustrar essa outra maneira de se apreciar a correlação entre os resultados obtidos em provas objetivas e dissertativas são as mesmas da figura 13: Administração, Farmácia-Bioquímica, Odontologia e Engenharia S. Carlos.



69 carreiras, 18 tiveram esse nível de exigência. Noutras carreiras, em número de 19 em 1994, a nota de corte fica entre 44% e 50% de acertos. Nelas, o candidato que acertou metade das questões propostas irá para a 2ª fase mas o seu desempenho na primeira fase é um claro indicador de que ele terá escassas probabilidades de alcançar uma vaga. Finalmente, nas demais 32 carreiras, um candidato que acertou metade das questões do teste teve, em 1994, uma chance palpável de conquistar uma vaga. Esta chance, obviamente, cresce à medida que cai a nota de corte da carreira. Em 1994, o teste foi composto por 72 questões, acertar 40 delas permitia o acesso à segunda fase em todas as carreiras (exceto 4) mas, em 60% delas, esse número de acertos já era um mau presságio em relação ao que iria acontecer na segunda fase. Em 1995, com a nota do teste sendo também utilizada para a classificação, um índice de acerto superior a 60% parece condição mínima para se alcançar uma vaga na grande maioria das carreiras. Menos que isso pode, naturalmente, garantir a passagem para a segunda fase, mas dificilmente garantirá a obtenção da vaga com razoável probabilidade, exceto em carreiras onde a competição é pouco acirrada.

Mais objetivamente, 2.496 das 8.371 vagas (os candidatos à carreira de Música não realizavam, até 1994, a prova da 1ª fase) foram preenchidas por candidatos que não conseguiram 40 acertos no teste. São 29,8% do total de vagas em disputa. Quase sete vezes esse número, mais exatamente 17.290 candidatos, obtiveram 40 ou mais acertos e não lograram uma vaga; muitos não foram, nem ao menos, chamados para a 2ª fase. A distribuição por área das vagas ocupadas por candidatos com menos de 40 acertos foi a seguinte: 1.394 em Humanidades (38,5% das vagas na área), 583 em Ciências Biológicas (24,5%) e 519 em Ciências Exatas (21,9%). Aqui reside o grande drama do vestibular, inerente à própria estrutura da distribuição de vagas por carreira e, também em grande parte, ligado à desinformação generalizada sobre o real potencial de muitas carreiras, ao preconceito e à estreiteza de visão dos candidatos e, principalmente, dos que os orientam. Ganhariam muito a Universidade e os jovens vestibulandos se a realidade fosse outra.

É fundamental que o candidato aspirante a uma vaga na Universidade de São Paulo, ou nas outras quatro instituições que a ela se relacionam no Vestibular da FUVEST, faça uma autoavaliação muito objetiva de suas reais possibilidades. Nisto ele deve ser honestamente ajudado por seus professores, uma vez que uma informação básica que o candidato lançará mão para sua autoavaliação será o conjunto de notas obtidas ao longo de seu curso, os resultados nos "simulados" e outras formas de medida de desempenho. Partindo de um educador, é um crime imperdoável iludir um jovem, estimulando-o a se inscrever numa carreira onde, a priori, se sabe que são quase nulas suas chances de sucesso. Não acontecem milagres nos vestibulares da FUVEST. Um concurso vestibular sério não é uma loteria onde a probabilidade de ganhar é a mesma para cada aposta unitária. Lá, como aqui, para aumentar a chance de sucesso é preciso investir. No caso do vestibular, o investimento é um trabalho sério e regular, ao longo de muitos anos. Também os pais, ou a família em geral, não tem o direito de se iludir e forçar o jovem a se dirigir para tal ou qual carreira,

fazendo-se cegos à realidade dos sucessivos boletins escolares e de outros indicadores cotidianos da aplicação e do desempenho nas tarefas escolares.

Como um jovem candidato acaba por se decidir por esta ou aquela carreira?

Aquilo que chamamos de vocação e que, às vezes, se manifesta muito cedo raramente está especificamente vinculado a uma carreira ou a uma atividade profissional. É, antes, um gosto difuso, uma afinidade, por alguma área muito ampla: Ciências Exatas e Tecnológicas, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas, Artes. Pensar em carreira vem junto com pensar em vestibular e, aí, começam as aflições e, com ela, os erros.

Ao se aproximar o término do 2º grau, os jovens, em geral pela primeira vez, se deparam com a necessidade de planejar a longo prazo e tomar uma séria decisão. A insistente pergunta "o que você quer ser quando crescer?" deve, finalmente, ser respondida. No entanto, pensando bem, nem essa escolha é definitiva nem mesmo indispensável. A pressão social para que os jovens escolham (e acertem!) uma carreira é absolutamente injusta e desnecessária. A isso se soma uma profunda ignorância sobre o que são as chamadas "profissões menores" e as reais oportunidades oferecidas pelo mercado. E, também, uma incompreensão das finalidades do ensino superior.

Há, até hoje, uma fixação pelas carreiras tradicionais: Medicina, Engenharia e Direito, mais algumas outras como Arquitetura, Odontologia e Administração. Ora, dezenas de profissões oferecem magníficas oportunidades de trabalho e de realização pessoal. Os candidatos freqüentemente se prendem a modismos do passado, mal informados por professores, parentes e amigos da família. São publicados "Guias de Profissões", promovem-se palestras, visitas acompanhadas e outras formas de chamar a atenção para o enorme leque de opções, mas tudo em vão; acaba prevalecendo a tradição e a visão conservadora. Isto é uma fonte terrível de frustrações.

Hoje em dia, cada vez mais, os empregadores do setor privado estão muito mais interessados em competência do que em diploma.

Entrar em Universidade é uma oportunidade de acumular um cabedal intelectual e, também, de amadurecer, de apurar o espírito crítico e a capacidade de reflexão. As dificuldades que aí serão encontradas, suas deficiências estruturais e as preocupações com o mercado de trabalho (afinal é comum que, na Universidade, outros projetos muito sérios comecem a ser arquitetados) não podem esconder que, ao terminá-la, ainda teremos (estatisticamente falando) pelo menos dois terços de nossas vidas para viver. A vida é uma contínua construção e uma eterna descoberta e, nem sempre, um projeto formulado aos 16 ou 17 anos necessita ser realizado. É preciso, isto sim, começá-lo e, no final, construir alguma coisa. Na Universidade devemos adquirir capacidade de adaptação a situações novas para buscar um espaço onde possamos ser felizes, realizando o que gostamos. Em síntese, o problema é descobrir aquilo em que podemos ser competentes para sentir a gratificação de fazer algo bem e com gosto. Isto, às vezes, leva tempo e obriga a alguns recomeços.

Acontece que a estruturação dos concursos vestibulares, o da FUVEST incluído, e das próprias Universidades brasileiras não ajuda em nada. No vestibular da FUVEST temos umas 70 carreiras. É carreira demais. Isso mais atrapalha (porque obriga a fazer opções radicais) que ajuda (separando os cursos do interior daqueles da capital). O ensino universitário tem seus cursos departamentalizados. Apesar da Universidade lidar com o amplo espectro do saber e dos conhecimentos, seus diplomas são passaportes para sair por estreitas janelinhas definidas pelo espírito cartorial das entidades classistas e pela mesquinhez dos departamentos. Essa compartimentalização dificulta bastante a escolha pois a oferta de vagas por carreira e curso é muito desigual. Numas há excesso, noutras falta.

Se a Universidade funcionasse com grandes ciclos básicos por área, com 2, 3 ou 4 semestres de duração e um mecanismo interno de seleção, ficaria adiada, por igual tempo, a necessidade da opção por carreira e, mais ainda, por curso (é o cúmulo exigir essa definição aos 17 anos!). Por exemplo, havendo V vagas numa carreira de uma certa área, em cada uma delas seriam selecionados os V melhores classificados nas disciplinas constituintes do ciclo básico da área e que declarassem interesse pela carreira ou curso. O número de áreas poderia ser maior que três, talvez 6 ou 7, quem sabe ainda mais, separando-se por campus e por período (diurno, noturno etc.). Tal procedimento poderia permitir às Universidades elevar o nível médio global de seus ingressantes e melhorar o processo de seleção por carreira, pois ela seria feita em cima de uma avaliação continuada em candidatos mais amadurecidos e sem a pressão de "ter que entrar na Universidade". Mas tudo isso é escrito no condicional e não temos sequer a garantia de que a hipótese inicial é boa e, mesmo sendo boa, viável. Algo semelhante já foi tentado no passado em várias Universidades brasileiras e é preciso analisar criticamente as razões pelas quais não funcionou. Voltemos pois à realidade.

Dentro da Universidade é possível alguma mobilidade, mas os caminhos por onde é possível transitar raramente têm mão dupla e, por isso, só beneficiam um número muito restrito dos que já conseguiram chegar. Por uma mobilidade maior, há um preço a pagar. É impossível conceber que, para todos, a primeira escolha da porta de entrada venha determinar o futuro. Assim uma boa autocrítica pode evitar que se cometam erros fatais e se fique do lado de fora: ao lado de portas onde se acumulam multidões existem outras bem mais fáceis de serem transpostas. Depois, é amadurecer e batalhar com afinco. A cobrança para que se acerte a porta definitiva na primeira tentativa é descabida. É essencial diminuir a pesada carga emocional que paira sobre o vestibular, gerando um clima quase insano, propício ao desenvolvimento de graves mistificações.

O fato é que desinformação, irrealismo e mistificação não ajudam em nada a uma acertada escolha de carreira por grande número de candidatos e são fonte de grandes decepções tanto por parte dos candidatos quanto de seus familiares.

